

Revista de Ensino

ANNO XIV

MARÇO DE 1916

N. 4

São Paulo, Março de 1916.

A *Revista de Ensino* termina, com este numero, o seu XIV anno de publicação, pelo que envia a todos os seus collaboradores e leitores amistosos agradecimentos e felicitações.

No intuito de tornal-a cada vez mais util ao Professorado, a *Revista* será desde este numero distribuida gratuitamente a todos os Srs. Professores e Professoras dos grupos escolares e escolas reunidas do Estado, e aos professores das escolas isoladas que a requisitarem.

Em suas diversas secções, a *Revista* continuará a publicar tudo quanto possa interessar aos Srs. Professores, concorrendo para o aperfeiçoamento dos methodos e processos de ensino, tendo em mira o maior prestigio do Professorado e progresso do ensino primario, pela elevação da escola e do mestre.

Orgam da Associação Beneficente do Professorado, e publicada sob os auspicios da Directoria Geral da Instrucção Publica, a *Revista* espera a collaboração de todos os Srs. Professores para que desta fôrma ella se torne cada vez mais util e apreciada.

A Redacção conta merecer toda a attenção do Professorado e mesmo a preferencia para consignar em suas columnas as observações que em relação ás nossas escolas e seus methodos de ensino a pratica lhes fôr suggerindo.

A Redacção.

ANUARIO DE ENSINO

DE 1914

Está publicado, e já distribuido convenientemente, o *Anuario do Ensino Publico de S. Paulo*, de 1914-1915, contendo todo o movimento desse ramo da nossa actividade social.

Pelas suas informações, minuciosas em alguns pontos, se depreheende o desenvolvimento sempre crescente da nossa instrucção publica, de que se não tem descurado a administração publica.

As primeiras páginas do *Anuario* são occupadas com o Relatório do Exmo. Snr. Dr. Director Geral do Ensino, onde se apontam diversas providencias de character urgente, tendentes a aperfeçoar o nosso aparelhamento escolar, de modo a melhor ser aproveitada a verba que o orçamento para elle destina.

E como são de toda a oportunidade, transcrevemol-as para sua maior divulgação.

« Tratando das escolas normaes, occorre-me lembrar a V. Exa., posto que ligeiramente, a alta conveniencia que resultaria do augmento de mais um anno no respectivo curso, tanto das normaes primarias, como das secundarias.

O curso actual de quatro annos, e o accumulo de materias dos respectivos programmas obrigam os alumnos a verdadeiros sacrificios para vencer os programmas e isso mesmo, como é facil de vêr, de modo imperfeitissimo.

O augmento indicado de um anno, no curso, diminuiria, é certo, a concurrencia de alumnos á matricula, mas não constituiria inconveniente sério ao desenvolvimento do nosso ensino público.

Seria, ao contrario, vantajoso. Concorreria para uma benéfica selecção nos concurrentes, permitiria a completa execução, sem atropelos, dos programmas estabelecidos, e garantiria, aos alumnos, o tempo sufficiente para o seu preparo theorico e pratico, que hoje não lhes pôde ser fornecido, como é preciso, pela carencia de tempo.

Os grupos escolares continuam a preencher, a contento geral os fins a que se destinam. E' prova indiscutivel deste aserto o augmento sempre constante da matricula nesses estabe-

lecimentos de ensino, assim como o empenho de todas as localidades em possuir taes instituições.

Como acima referi, no anno passado, foram installados 20 grupos e, no presente anno, até esta data, já se installaram mais cinco.

Si só elogios se podem dispensar a essa organização escolar que tão bons resultados offerece, fornecendo um preparo real e indiscutivel aos seus alumnos, parece que deviam ser aproveitados taes institutos, com uma pequena ampliação no seu curso, como já tive oportunidade de lembrar á V. Exa., para um melhor preparo dos alumnos, que se não satisfizessem com o curso do programma actual.

Um curso adicional de dous annos seria sufficiente para a revisão de algumas das materias do programma, e o estudo de outras, habilitando os alumnos com um certificado, que lhes permittisse a matricula nas escolas normaes primarias e em outros estabelecimentos, cujo programma de admissão fosse identico ao de seu curso. Esse certificado poderá tambem garantir aos seus portadores o direito de preferencia para professores substitutos interinos nos grupos e nas escolas isoladas.

Penso que essa pequena modificação no curso dos grupos escolares seria um grande passo em pról do melhoramento do ensino em nosso Estado, que tanto se distingue por sua modelar organização escolar.

Cumpre accrescentar que esse curso adicional deve ser, segundo penso, inteiramente facultativo.

Com relação ás escolas isoladas, em anteriores relatorios, assignalei dous pontos principaes, que julgo de capital importancia para que ellas possam corresponder ao fim e ao onus que acarretam para o Estado: — 1.º — conferir-se, á Directoria Geral, a faculdade de transferil-as de um para outro bairro do mesmo municipio e, na Capital, de um para outro districto, quando essa medida se torne conveniente para o ensino; 2.º — permittir-se o funcionamento das mesmas em dous periodos, um para as classes atrazadas e, outro, para as adiantadas.

Nos referidos relatorios ficou bem demonstrada a necessidade dessas medidas.

As escolas da Capital reclamam ainda urgentemente uma outra providencia para que se não annullem por completo no papel a que se destinam.

Si, no interior, é relativamente facil aos professores conseguirem casa para aposento da escola, em condições mais ou menos regulares, constitue isso, na Capital, um problema de difficil solução. Em regra, só encontram commodos acanhados,

sem ar, sem luz, negação completa dos mais comensuráveis preceitos hygienicos e pedagogicos.

E o facto é facil de explicar-se. Por um lado o professor não dispõe de recursos para alugar uma casa com as condições necessarias; por outro, só aluga commodos para escolas quem precisa buscar, no aluguel, recursos para viver, e esses habitam certamente casas pequenas, de peças exiguas, estrictamente o indispensavel para as suas necessidades.

Julgo indispensavel e considero da maxima urgencia, em bem do ensino e dos interesses dos cofres publicos, uma providencia nesse sentido. Installadas como se acham, no geral, as escolas da Capital, não dispõe os professores dos meios precisos para o bom desempenho do seu cargo, nem pôde a auctoridade escolar exigir que cumpram o seu dever, como se faz mister. Em vez da ordem na escola, do estudo por parte do alumno, e do estímulo no professor, condições indispensaveis para o bom resultado no ensino, só poderemos ver na escola a anarchia, no alumno a desidia, e no professor o desanimo, symptomas bem claros de uma decadencia imminente.

Entretanto, esse mal, ao que penso, pôde ser remediado, indo o Estado ao encontro do professor, fornecendo-lhe além do material preciso para a sua escola, a casa onde deva a mesma funcionar.

Difficil e dispendioso seria fornecer a cada professor uma casa para a sua escola; mais facil e proveitoso será fornecer uma casa para diversas escolas.

E' assim que, em cada districto de paz, e para cada tres ou quatro escolas, poderia o Governo alugar casas onde installalas, com as precisas ou as possiveis condições pedagogicas. Não se trata de escolas reunidas, segundo o typo já existente em algumas localidades do interior: cada escola deve funcionar autonomicamente, sob a regencia do seu professor, tendo a casa um zelador, encarregado da sua limpeza e conservação, assim como do arranjo de cada uma das salas.

E' sem duvida, mais um onus que se cria para o Estado, mas o seu resultado será plenamente compensador, permitindo que taes escolas preencham o seu fim, o que presentemente não acontece, como está na consciencia de todos.

FUNDO ESCOLAR

Continuo a pensar que constitue uma necessidade imprescindivel a creação de um *fundo escolar*, destinado a certas despesas do ensino publico.

Tal medida, porém, diante da situação financeira e economica em que nos achamos, como, no momento, se acha uma

grande parte do mundo, é presentemente irrealisavel. Deve, portanto, ser adiada para quando melhores tempos a permitirem.

VENCIMENTOS DOS PROFESSORES PUBLICOS

Reclamam, de ha muito, e com justissima razão, os professores publicos, o augmento de seus vencimentos, reconhecida-mente insufficientes para uma manutenção compativel com a posição social que occupam.

Nesse sentido, tenho já manifestado opinião favoravel á justa pretensão dos mesmos, interessando-me, pelo menos, pelo restabelecimento dos vencimentos, que antigamente percebiam.

Presentemente, reconheço que é impossivel ao Estado attender a esse merecido reclamo, pois acabamos de ver que, premido pelas circunstancias do momento, se viu elle na contingencia certamente dura de pedir aos seus funcionarios uma pequena parte de seus vencimentos, para attender ás necessidades do Thesouro.

Estou convencido, porém, que, desde que passe a crise tremenda em que nos achamos, melhoradas serão as condições do professorado com o desaparecimento dos descontos a que ora são obrigados.

Será um acto de inteira justiça a que não se recusarão certamente os poderes do Estado.

ENSINO PRIVADO

Em meu relatório anterior, com diversas considerações sobre os institutos de ensino, mantidos por particulares, me manifestei no sentido de ser organizado um regulamento, que permita uma acção mais directa e efficaz da administração do ensino sobre esses institutos. Si ampla deve ser a liberdade de ensino, segundo o criterio moderno em questões dessa natureza, envolvendo ellas interesses da mais alta relevancia, quaes os do futuro da infancia, claro está que não pôde o Estado alienar de si o direito ou, antes, o dever de intervir muito directamente no ensino ministrado por esses institutos, acompanhando de perto a organização e a execução de seus programmas, os processos e methodos de ensino, a hygiene escolar, todas as condições, emfim, garantidoras de uma instrucção real, solida e proveitosa.

A inacção do Estado nesse sentido concorrerá para o abastardamento do ensino. em muitos desses institutos, que se transformaram, muitos delles, em casas commerciaes, com pingues lucros para os seus directores, mas com grave damno para a infancia e consideravel prejuizo para os fóros e futuro de nosso Estado.

ESCOLAS EXTRANGEIRAS

Com relação a estas escolas, cabe-me dizer a V. Exa. que se torna também indispensável a intervenção mais directa da administração do ensino na vigilância da execução dos respectivos programmas.

Ha uma lei tornando obrigatorio nessas escolas o ensino da lingua portugueza e o da historia e geographia do Brasil, mas esse ensino, si nalgumas faz, é defficiente, improductivo, inefficaz. Ministrado, no geral por estrangeiros desconhecedores da nossa lingua, é esta adulterada, deturpada em sua terminologia e syntaxe, de modo que póde ser tudo, menos portuguez.

Ha aqui, na Capital, muitas, innumeradas escolas, onde não se fala uma palavra de portuguez na transmissão do ensino, e não se trata de escolas de linguas, mas de escolas primarias destinadas ao ensino da infancia, parte integrante da nossa nacionalidade, pelo nascimento ou pela nacionalisação, e que amanhã vae influir nos nossos destinos como cidadãos brasileiros.

Como poderão essas crianças amar a patria de que são filhos, si não conhecem a lingua que nella se falla, as tradições nacionaes, a historia dos seus heróes, a sua grandeza moral e geographica, as riquezas naturaes que possui, o futuro glorioso que a aguarda?

Crescerão ignorantes de tudo, não podendo collaborar conosco, convencidamente, patrioticamente, nas nossas aspirações de progresso e engrandecimento nacional.

Lembro-me, a proposito, que me chegou, a dias ás mãos, um vistoso cartaz, publicado por uma sociedade italiana desta Capital, onde se põe á vista das crianças italianas, em termos ardentes e persuasivos, a grandeza moral, as riquezas materiaes, as tradições gloriosas da Italia, fazendo-lhes vêr que, em tempo algum, em qualquer paragem em que se achem, não devem esquecer a Italia, e sim amal-a com ardor, honral-a com entusiasmo, engrandecel-a com desvanecimento, trazendo sempre o seu nome glorioso indelevelmente gravado no seu coração e no seu espirito.

Far-se-á a mesma cousa com relação ao Brasil?

Julgo inadiável a regulamentação da lei acima referida, de modo que se possa tornar effectivo nas escolas estrangeiras o ensino das mencionadas materias, assim como do espirito brasileiro, ás crianças nellas matriculadas, quer estrangeiras quer nacionaes, exigindo-se, ao mesmo tempo, dos respectivos directores, as precisas provas de sua competencia moral e tecnica para o exercicio da profissão que abraçaram e com que desejam collaborar em prol da disseminação do ensino e da cultura geral dos seus e dos nossos filhos.

Publicamos, no presente numero, as considerações que o inspector escolar snr. prof. Guilherme Kuhlmann fez no Relatorio de 1914 sobre o valor educativo do trabalho manual.

Infelizmente a pratica do trabalho manual nas escolas preliminares ainda não está generalizado, mas o pouco que temos feito, mostra perfeitamente as vantagens indiscutíveis de tão util disciplina.

E' no interesse de tornar bem conhecida a necessidade imprescindível da pratica do trabalho manual nas escolas preliminares, que publicamos o trabalho abaixo.

Trabalho manual

A escola primaria não póde ser verdadeiramente educativa sem a pratica constante e methodica do trabalho manual. Não obstante a evidencia deste asserto, essa importante disciplina é tratada com descaso, com desprezo desde as escolas normaes. Nas escolas primarias quasi por completo desapareceu das obrigações do sexo masculino. Não apparece senão nas classes de meninas, onde raramente é subordinado ao criterio educativo, que prescreve a aprendizagem do facil para o difficil. Não fóra o desejo de exhibição, o explorar de vaidades, que se contentam de elogios frivolos, teriam desaparecido as exposições escolares de fim de anno, em que o julgamento é falho por não permittir avaliar o desenvolvimento do espirito de cada expositor e muito menos a sua crescente habilidade e gosto na execução dos trabalhos que expõe.

Nem só a falta de methodo é censuravel; mais digno de censura é o facto de algumas vezes se exhibirem trabalhos, em que o bem acabado da execução revela a indevida intervenção do professor que, no intento de brilhar, se olvida de que falseia a verdade e leva a innocente criança á pratica de um acto repreensivel consentindo em apresentar-se como resultado de seu exclusivo esforço aquillo que em seus primores não passa de producto das mãos mais habéis e adextradas de seu mestre. Isto não é mais do que levar a criança á vaidade e á mentira! Assim se desvirtua a excellencia da mais educativa das disciplinas escolares!

Não nos surpreende o desconhecerem muitos professores o alto valor educativo do trabalho manual. Nas escolas normaes, essa disciplina e outras do chamado 2.º grupo, indispensaveis ao professor primario, são relegadas para plano inferior, e muita vez o seu ensino não é confiado a professores que bem conheçam o lado pedagogico da disciplina que ministram, mas a simples operarios, quasi analphabetos, que consideram os professorandos simples aprendizes de um officio. Provém o mal de nos termos esquecido de que o corpo docente das escolas normaes só pôde ser constituido de profissionaes que entendam de pedagogia. Da carencia de preparo pedagogico dos *mestres* das escolas normaes resulta o deficiente preparo technico dos professores das escolas primarias. É justo, entretanto, referir que ha entre estes elementos capazes, verdadeiros autodidactas, cuja competencia devia ser aproveitada na regencia de taes disciplinas nas escolas normaes.

Emquanto isso não se faz e enquanto não é possível a fundação de uma revista especial de trabalhos manuaes, lembrar a conveniencia de na «Revista de Ensino» dedicar-se uma secção exclusivamente a essa disciplina. Ahi, a par da demonstração do valor educativo do trabalho manual, seriam traçadas as normas a seguir em seus diversos ramos, o programma de cada classe, onde exemplos e gravuras bem escolhidas seriam guia seguro e constante do professor.

*
**

No relatorio do professor José Pereira Frazão ha uma parte referente ao *slojd* educativo de Niias com o curso professado pelo Dr. Otto Salomon, director do *Slojd* larares seminarium. Ahi está compendiado tudo o que diz respeito ao trabalho manual em madeira (*slojd* de carpintaria) unico que reúne todas as qualidades pedagogicas. Essa magistral exposição serve de fundamento ás considerações sobre a importancia pedagogica do trabalho manual.

Si de modo completo não é possível empregar unicamente o *slojd* de carpintaria, isso não justifica o não emprego de outras variedades de trabalho que, em conjuncto, produzem as vantagens que o *slojd* por si resume.

A pratica methodica do trabalho manual promove o desenvolvimento physico, intellectual e moral da criança. É, portanto, inestimavel beneficio á futura individualidade.

A attenção, o senso da fórma, da grandeza e do espaço se educam, se aprimoram com o trabalho manual. Elle prepara para a vida, não só quando ministra conhecimentos sobre os ramos de diversos officios, mas tambem, de modo geral, quando

promove a dextreza das mãos; desenvolve, pela observação, pela comparação, as faculdades mentaes; torna a intuição mais intensa; emfim, tem por objecto preparar o menino

« dando-lhe as faculdades por meio de uma aptidão
« geral, na qual venham depois como que enxer-
« tar-se os conhecimentos especiaes relativos á pro-
« fissão que elle adoptar, seja qual fôr. »

DR. OTTO SALOMON.

É o preparo completo para a vida—ideal unico da escola primaria.

A attenção não é forçada, não surge por imposição do mestre; ao contrario, provém do trabalho methodico e consciente, surge com a pratica de exercicios variados que a promovem por estarem ao alcance da intelligencia infantil.

« O espirito não reune, não associa sobre um
« objecto, separa, analysa, discrimina. A attenção
« é um factor primacial das operações psychicas.
« É um factor capital da vida do espirito e não
« ha phenomeno psychico que não implique a
« attenção. »

F. VASCONCELLOS.

Antes de attingir á plenitude, passa a attenção pelos graus intermediarios do *interesse*, *reflexão*, *aplicação*, *meditação*, *contenção* e *contemplação*. É imprescindivel observar esses diversos estádios da attenção, educando-os, afim de que seja assegurada a attenção completa, perfeita. O trabalho manual offerece oportunidade ao cultivo de todos os graus da attenção.

O interesse — desperta-o a simples apresentação de um objecto familiar, de predilecção da criança. O interesse augmenta com a idéa da execução do trabalho.

A reflexão — está preparada pelo proprio interesse e pelo desejo de execução. O objecto é estudado em conjuncto, depois em suas partes; vem a idéa de começo e fim do trabalho, dos meios de o realizar; surge a necessidade da escolha de instrumentos, da materia bruta, da côr e resistencia, do peso e proporções; vem o estudo da posição do modelo afim de que todas as suas partes possam ser observadas e executadas;

A *aplicação* — é consequencia do plano estabelecido, do material e apparelho seleccionados, do desejo de realizar o que viu e observou ;

A *contenção* — provém naturalmente do esforço empregado na execução do plano que a mente delineou ; a actividade se concentra e a criança, empolgada pelo fim a attingir, como que se alheia aos objectos circumjacentes.

A *contemplação* — é o ultimo estádio da atenção já algumas vezes exercida durante a aplicação.

Uma leitura rapida desta ligeira exposição torna evidente quanto as differentes phases da atenção no trabalho manual exercitam a associação das idéas.

Bem se vê que a atenção exercida é a voluntaria, a que sem duvida maiores beneficios proporciona á intelligencia e ao carácter do educando. A atenção espontanea é natural, instinctiva, necessita menos exercicio.

« A atenção voluntaria é um instrumento de aperfeiçoamento, um factor da civilisação, um fructo da arte, da educação, do exercicio, do *dressage*; nasce da necessidade e com os progressos da intelligencia; o trabalho é a fórmula concreta mais apprehensivel da atenção voluntaria.»

RIBOT.

Alem dessa grande vantagem, educar a atenção tem como consequencia melhorar, fortalecer a memoria

« estimulando a força das associações e provocando e orientando a sua direcção. »

F. VASCONCELLOS.

Estas considerações evidenciam sobre a intelligencia o extraordinario valor educativo do trabalho manual, que, além disso, concorre poderosamente para a formação da vontade.

E não são essas unicamente as vantagens que recommendam o trabalho manual. Promove a educação da vista e proporciona dextreza e habilidade de mãos.

Para manter o interesse sempre despertado convem que os alumnos executem trabalhos de utilidade, pois só assim não desprezarão a necessidade do bom acabamento e da perfeita execução.

A' execução deve preceder o estudo do objecto, do plano a executar, afim de evitar os ensaios que provocam a vacillação, a timidez e falta de confiança no educando. E' muito commum

o facto de pessoas intelligentes, de bom preparo, vacillarem deante de um trabalho, em hora mais ou menos simples, que deva ser feito definitivamente, logo da primeira vez.

Não terá isto como explicação o mau vesu dos ensaios, dos trabalhos preparatorios, ainda tão em voga, nas escolas primarias ?

Ainda um outro beneficio que não deve ser olvidado : — o trabalho manual, que põe o menino em occupações rudes e grosseiras, leva-o a respeitar essas occupações e a olhar com sympathia e interesse para os operarios de qualquer profissão : demais elimina o preconceito injustificavel de que o trabalho physico acarreta desdouro ou desconsideração social.

Cumpra não esquecer de que o trabalho manual methodizado promove o desenvolvimento physico, garante a saúde e proporciona coragem para empreender e constancia para realizar.

A variedade de trabalhos a serem executados obriga a tomar o alumno variadas posições que põem em jogo todos os musculos. Trabalhando com as duas mãos tornam-se os alumnos, sem o sentirem, verdadeiramente ambidextros, o que além de lhes accrescer a aptidão, garante o equilibrio do systema nervoso e do apparelho circulatorio.

Assim, succintamente embora, mostramos a importancia do trabalho manual como auxiliar da educação intellectual, moral e physica.

Ninguem, de boa fé, negará que o trabalho manual, racionalmente encaminhado, promove e assegura o senso esthetico ; consequentemente, reconhecido como é o facto de fortalecer a vontade bem dirigida, de despertar sympathia e interesse pelos operarios, de promover e firmar vocações para artes e officios, ninguem tambem poderá negar as vantagens sociaes do trabalho manual na escola.

Não ha, portanto, exaggero em afirmar que o *sojda* reúne maravilhosamente todos os requisitos pedagogicos.

Não ha tambem negar que tal disciplina bem merecia nas escolas normaes ter mais amplo desenvolvimento, ser ministrada por mais competentes mestres. Se ha disciplina que reclame toda a solicitude de nosso governo é indubitavelmente essa, e seria sacrificio plenamente compensado o da despeza com uma commissão que no estrangeiro fosse aperfeiçoar se em tão importante materia.

Infelizmente a nossa imprevidencia tem sido tal em construcções escolares, que a maioria de nossos edificios, de custo de muitas dezenas de contos, não dispõem de salas de trabalhos manuaes.

Isto provem do exclusivismo tecnico que preside a taes construcções. Ai do professor ou do medico que se metterem a dar conselhos pedagogicos ou hygienicos sobre construcções escolares!

A tudo suppre a competencia de nossos architectos.

Si não nos é dado proporcionar ás crianças paulistas tão sadia e util disciplina, o *slojd* de carpintaria, não nos esqueçamos ao menos das multiplas variedades do trabalho manual afim de que aproveitemos algumas de suas virtudes educativas.

A modelagem em argila, a tecelagem, o trançado, o recorte, a cartonagem, são disciplinas que reclamam mais dedicação dos professores que sabem tornar o ensino elementar verdadeiramente educativo.

GUILHERME KUHLMANN.

A Festa da Bandeira

Imponente, de uma imponencia augusta foram as festas realizadas no — Dia da Bandeira —.

Em S. Paulo, no Rio de Janeiro, em todo o Brasil, a commemoração do dia 19 de Novembro teve grande brilho e realce.

O sentimento patrio vibrou talvez ainda mais fortemente agitado pelo rasgo sublime de uma criança.

Antonio Chagas, ante o quadro da desolação que se desenrolára a seus olhares por occasião do naufragio da barca *Setima*, na bahia de Guanabara, veio demonstrar que o amor ao — Sagrado Pavilhão — enchia toda a sua existencia.

E assim são todos os feitos heroicos; elles inspiram em todos os tempos esses actos sublimes que a historia de todos os povos aponta como o fanal que guia as nacionalidades á conquista de seus mais nobres destinos.

A *Revista de Ensino*, associando-se ás demonstrações e canticos de jubilo com que nosso Pavilhão foi saudado por todas as classes, transcreve algumas das noticias dadas na imprensa em relação á memoravel dacta.

A Commemoração na Prefeitura

« Esteve, na verdade, sumptuosa e commovente — escreve o « *Jornal do Commercio* » — a festa em honra da Bandeira Nacional, levada a effeito na Prefeitura Municipal, com a presença do sr. presidente da Republica, dos srs. ministros de Estado, das altas autoridades civis e militares do paiz, dos membros do Congresso Nacional, do commandante e officiaes do vaso de guerra argentino « *Nueve de Julio* » ancorado em nosso porto, de milhares de crianças de nossas escolas publicas, de commissões de estabelecimentos de ensino e de muitas familias de nossa sociedade.

Além da solennidade pouco commum de que ella se revestiu, é digna de ser lembrada a nota emocionante a que ella attingiu, na occasião em que o sr. presidente da Republica collocou ao peito de Antonio Chagas, o alumno salesiano, a medalha commemorativa, especialmente mandada cunhar por s. exa.,

para galardoar o acto do joven estudante, correndo a salvar no meio de um naufragio, a bandeira de sua patria.

O sr. dr. Wencesláu Braz, depois de ter conferido a Antonio Chagas essa excepcional distincção, abraçou-o carinhosamente, beijando-o nas duas faces.

Foi nessa occasião que toda a assistencia, que enchia o salão de honra da Prefeitura, e que vinha já vibrando de enthusiasmo pela palavra dos oradores que se fizeram ouvir, explodiu numa verdadeira ovação ao digno rapaz.

E se já não bastasse em si para commover a todos, em sua simplicidade, a scena tocante a que nos referimos, mais ainda enthusiasmo a todos os presentes o acto do commandante do « Nueve de Julio », que, com lagrimas nos olhos, profundamente emocionado, envolveu num só abraço muito affectuoso e prolongado, o joven salesiano e a bandeira que elle conduzia.

Estrugiram os applausos, calorosos vivas foram erguidos ao paiz amigo e taes proporções assumiram aquellas provas de carinho que o sr. ministro argentino foi impellido a usar da palavra para saudar o Brasil e agradecer as inequivocas homenagens que estavam sendo prestadas alli á sua patria.

Usou nessa occasião da palavra o ex deputado federal sr. Raphael Pinheiro, director da Bibliotheca Municipal.

Eis, mais ou menos, o que disse com rara eloquencia o orador, que era instantemente interrompido pelos applausos e bravos da assistencia:

« Almas de patriotas em flôr, alvoradas de sonhos, de amor e de esperanças, crysalidas mysteriosas e pulchras dos anciados dias d'amanhan. — crianças! — bemditas sejaes vós e bemditos os vossos labios por onde, extreme de vicios, toda pura e formosa, de envolta com o vosso cantico angelico, acaba de passar a nossa oblata civica de inabalavel fé e de infinito ardor!...

E de outra forma nesta hora não poderia ser o culto civico á Bandeira da Patria.

Porque em verdade, em verdade, esta é a hora lithurgica da Patria, pois que assim como na exiguidade branca da hostia dos crentes habita, em mysterio, o infinito de Deus, tal nesse rectangulo auri-verde toda se encerra a immensidade da Patria.

Esta hostia divina de civismo, só ás crianças cabia, neste momento, condignamente levantar.

Pois não foi do seio da infancia, da juventude, que surgiu o gesto immenso que transformou este instante da Patria numa hora heroica?

Ainda não tinham morrido de todo os écos triumphaes das palavras conclamantes do bardo redemptor, enchendo de enthusiasmo os arraiaes academicos e levantando o animo civico da

nação inteira, e já sobre a mutabilidade feminina das aguas, como um augurio, ou melhor, como um signo, das mãos de uma criança surge o poema da renascença de um povo!

Recordae-vos, diz o orador, foi no cinzento de uma tarde, sobre as taboas frageis de um embarcação vagando: um brado de terror, um coral de agonias de subito enche os céus; o medo, a morte, campeam avassaladores... Crianças agonisam, morrem crianças, e neste quadro de horror tão pequeno como os que succumbem, tão jovem como os que se amedrontam, um vulto epico se levanta: é Antonio das Chagas, a criança heroica. Por isso, mais do que nunca, crianças bem amadas, o dia de hoje é vosso. A Patria que tem uma infancia capaz de gerar heroes na idade dos brincos, na quadra das irresponsabilidades, é uma patria que gloriosamente varou o futuro, arrombou as portas da immortalidade, e ficou para todo o sempre como um marco miliario das raças que não morrem.

Bem dita sejas tu, infancia de minha terra, guarda avançada do futuro a quem desassombradamente confiamos este pavilhão — o mais bello de quantos aos vossos olhos se desfraldam em anseios de amor, em palpitações de triumpho, em arrancadas de gloria.

Olhai, meninos, é verde, verde como as campinas sem fim das savanas do Sul. Mirae, nessas dobras verdejantes, parecem galopar os gauchos iutrepidos — monarchas das cochilhas — assegurando com a sua coragem destemida a orla querida das fronteiras da patria! É verde como as selvas impenetraveis, como as verdes florestas virgens; verde como as verdes aguas cantantes dos nossos estuarios, dos nossos rios gigantes, das nossas lagoas interminaveis...

Remirai-a, crianças, é amarella como o ouro que nas entranhas da nossa terra bem amada, ainda dormita; é amarella como a areia espelhante dessas praias sem fim, onde em canticos e soluços, o Atlantico beija a mais larga fimbria do paiz.

Vêde o excelso pavilhão! Em seu centro, outr'ora uma corôa rebrilhava — uma côroa, o direito de uma dynastia, o egoismo de uma familia...

A Republica um dia arrancou essa corôa. Para substituil-a foi buscar um pedaço de céu, um trecho do infinito. E, assim, o pavilhão do Brasil, com este pedaço de céu, fez-se a umbella acolhedora, á scmbra da qual estrangeiros não ha.

Ainda uma vez, meninos, contemplai-a e nas suas dobras eu vos mostrarei silvos de minuano e estrondos de pororocas; escachoar de quedas d'agua, choro sonoro de regatos diminando... E se contemples com olhos de somno o augusto pavilhão da patria brasileira, certamente, como um halo divino a

revoada dos heroes: guerreiros do paraguay, heroes da abolição, propagandistas da Republica, em cima José Bonifacio, no centro Feijó, na base Floriano!

E tudo isso, essa immensidade palpita, vive, estremece dentro desta bandeira, a unica que desassombradamente póde ser contemplada por todos os povos da terra, porque é a unica que não tem direito de realisar conquistas, de opprimir irmãos.

Bandeira tão grande, que como ambição suprema, apenas tem uma: a conquista absoluta do coração de seus filhos — e como predominio, sonha apenas a conquista do sonho, a conquista do amor, que agora o orador resume, beijando-a por todos vós, na hora em que brada pelos vossos corações unanimes — um viva o Brasil!»

Fala o bispo de Cuyabá

Ainda não tinham cessado os merecidos applausos com que o sr. Raphael Pinheiro foi saudado, quando, proximo da grade da galeria, surgiu a figura sympathica e insinuante de d. Francisco de Aquino, bispo auxiliar de Cuyabá, que produziu uma vibrante saudação á bandeira.

Começa o orador pedindo não estranhem que, em meio daquella festa, toda de sol e flores, de sorrisos e harmonia, aos esplendores daquella tribuna, onde ainda vibrava o verbo calido e irisado do orador que o precedera, assumo o vulto mais obscuro e mais humilde do augusto episcopado nacional, alli tão brilhantemente representado pela purpura do cardeal arcebispo.

Era uma necessidade imperiosa da sua alma de bispo brasileiro e salesiano, delirantemente empolgada pela solennidade daquelle acto, em que o sublime culto da bandeira se concretizava no peito heroico de um joven alumno dos salesianos.

Não ia dizer um discurso, era apenas um hymno explosivo, um grito, uma interjeição de enthusiasmo patrio; era a alma brasileira que lhe irrompia, fremente, de sob as vestes prelatiças, cantando pelo azul qual cotovia embriagada de luz e de harmonia.

Não me envergonho, continúa o orador: orgulho-me de me sentir assim preo e escravo da vehemencia destas emoções, aqui em face dos augustos representantes da patria, aqui em face deste grande povo, que é como o seu nobre e generoso coração palpitante; aqui em face dos mais distinctos officiaes do nosso exercito e da nossa armada, que são a sua força, o seu valor e a sua defesa; aqui em face desta briosa mocidade, que são as suas flores, os seus sorrisos e as suas esperanças.

Sinto-me em um ambiente, senhores, onde todas as contradicções se calam, onde todas as divergencias se osculam, onde todos os partidos se congraçam, onde todas as fórmas de governo se esfumam, onde todos os credos se resolvem no amor, e, sobre todos nós, a patria, a grande mãe patria desdobra, como o cortinado auri-verde de um mesmo berço, a bençã do pavilhão nacional.

Esta é a bandeira de dois augustos imperadores e de Deodoro, a bandeira de Caxias e Floriano, a bandeira dos Andradas e Cotegipe, de Rio Branco e Nabuco, de Barroso e Baptista das Neves; é a bandeira de Montalverne e Frei Vital, de Fagundes Varella e Castro Alves, de Bilac e Coelho Netto.

Só não é a bandeira dos que, revoltando-se contra a autoridade e a ordem, renegam a patria, tentando apunhalar no coração das gerações nascentes um esto dos seus mais nobres e puros ideaes.

Senhores, o culto da bandeira não é um feticchismo, não é uma idolatria, porque não é uma adoração, porque não pára neste rectangulo de seda, mas evolva-se a coroar dos nossos affectos, das nossas caricias e dos nossos beijos á fronte immaculada e soberana da patria.

Bem haja, pois, o illustre chefe da nação, promovendo o brillantismo da presente festa, que é uma verdadeira e fulgurante lição de civismo. Bem hajam todos aquelles que, com a palavra e o exemplo, com a penna e a lyra, com todas as energias da alma, se empenham e se batem por formar a nossa mocidade na pureza deste culto e na disciplina do patriotismo.

Senhores, sou apenas um peregrino obscuro que, dentro em breve, vae recolher-se á sombra das suas florestas nataes; mas sinto-me feliz, dou graças aos céus por me haverem deparado a solennidade desta occasião e a grandiosidade deste scenario para esta profissão de patriotismo e enthusiasmo pelas nossas classes militares, exactamente quando nos horizontes da Patria parece que se avoluma a nuvem negra da revolta contra a verdade e a justiça destes sentimentos.

Senhores, eu amo o soldado, como os amava Jesus, que ainda em vida abençoava, com um milagre, o centurião romano e toda a sua familia, e, morto sobre a cruz, naquella sombria tarde, illuminava cariciosamente a alma daquelle outro centurião que descia ao Calvario, batendo, constricto, o robusto e loricado peito.

Amo o soldado, como os amava S. Paulo, que delles diz que a sua espada não é uma vaidade, mas uma disposição da Providencia, uma necessidade social.

Amo o soldado, como sempre os amou a Igreja, que instituiu um carinhoso rito para abençoar-lhes as bandeiras e as espadas, sagrando-as para a victoria e para o heroismo.

Amo o soldado, porque entre elle e o sacerdote ha tantos pontos de contacto, que já se viram essencialmente enlaçados na historia, pela gloriosa instituição das ordens militares.

Amo o soldado, porque foram sempre a Igreja e o Exercito as duas maiores escolas de heroismo, porque a cruz e a espada foram sempre os dois mais sublimes bordões dos heroes na luminosa estrada da ascensão humana.

Amo o soldado, porque é elle o guarda desta gloriosa bandeira que hoje, por entre as vibrações do mais lidimo entusiasmo, venho saudar comvosco, fazendo votos pela prosperidade das nossas classes armadas.

Sim, Bandeira da minha Patria, que nos revelas o luxo da nossa flora e as riquezas do nosso solo! Bandeira da minha Patria, que reflectes em tuas mimosas dobras, como uma luminosa bençã do alto, as estrellas do Cruzeiro! Bandeira da minha Patria, que resumes nessa pagina auri-verde, todo o poema heroico das nossas glorias do passado e das nossas aspirações no futuro! Bandeira da minha Patria, que, em um seculo metalizado e anarchizado, ainda soube inspirar a uma alma juvenil o desprezo pela vida envolvendo-lhe a fronte nas alvoradas precoces do heroismo! Bandeira da minha Patria, eu te saúdo, eu te beijo, eu te bemdigo! Fluctua! flutua longamente sobre os venerandos chefes do nosso povo, sobre os valorosos soldados, sobre a nossa galharda juventude! Adeja, adeja sobre nós com esse teu infatigavel gesto de bençãms, para os veteranos do patriotismo e para os patriotas em flor! Adeja, adeja sobre nós com esse teu materno e imperioso aceno para o dever, para a honra e para o heroismo. Bandeira da minha Patria, salve!

S. exc., em phrases cheias de emoção e de entusiasmo, que eram constantemente interrompidas pelas palmas do auditorio, fez a apologia do soldado defendendo a patria, por ella se sacrificando, por ella morrendo. A cruz e a espada, viveram sempre irmanadas, constituindo os dois mais gloriosos bordões na historia das conquistas humanas. Bispo salesiano, desejava trazer áquella festa o concurso de sua palavra e com ella saudar o glorioso symbolo da patria, a nossa querida e augusta Bandeira Nacional.

Oração de Coelho Netto

Depois do discurso do bispo de Cuyabá, o sr. presidente encaminhou-se novamente para o salão de honra da Prefeitura, onde se devia realisar a entrega da medalha ao alumno Anto-

nio Chagas. Ahi, occupando lugar de honra á mesa e rodeado dos srs. cardeal, prefeito e ministros, s. exa. deu a palavra ao sr. deputado Coelho Netto, que pronunciou o seguinte e formoso discurso.

«Meu joven patricio :

Das proprias mãos do primeiro cidadão da Republica vindes aqui receber, no dia consagrado á exaltação da nossa bandeira e no momento justo em que ella florescerá no tope dos mastros, a medalha civica que, pelo mesmo Magistrado, vos foi conferida pelo desprendimento corajoso de que destes prova na hora triste da catastrophe de Outubro. Relembramos o lance para que nelle refulja o vosso heroismo. A tragedia foi rapida como toda a insidia.

Ia a barca serena, carregada de juventude: saíra da largueza do mar e passava num parenthesis, entre duas terras, quando, abrupto, um choque a faz estremecer, não com violencia que causasse abalo temeroso; o golpe, posto que mortal mal fôra sentido pelos passageiros e continuaria a algazarra jocunda se o escachão dos gorgolões, que entravam pelo rombo, não chegasse aos ouvidos das crianças e o peso d'agua não fosse, aos poucos, fazendo adornar a barca, que arquejava.

Alarmou-se com o medo panico a turba juvenil e, no alvoroço da fuga com que todos, instinctivamente, appellavam para a vida, ouviu-se a voz do mestre, marinheiro de experiencia antiga, aconselhando calma e garantindo a segurança da barca, que se fazia ao largo, recuando do perigo.

Mas o marulho continuava estrondoso. Irromperam do fundo os primeiros golfões espumecs e a barca, que se alagava, immergia como sorvida por um maelstrom.

A disciplina escolar impoz-se: á voz do director e dos professores reuniram-se os alumnos espavoridos, e começou, a principio com ordem, o trabalho de salvamento.

Encheu-se o espaço de um côro de uivos: eram as «sereias» apitando a socorro e a taes vozes, a que accorriam, de varios pontos, embarcações ligeiras, juntaram-se gritos, clamores, alarido de pranto, invocações aos céus, doces nomes lembrados na angustia da saudade extrema, appellos de carinhosa amizade.

E a barca afundava num sorvedouro que refervia.

Foi, então, o desespero.

Coalhou-se o mar de afflictos, nadando ás tontas, submergindo-se, debatendo-se a braçadas anciosas, ou agarrando-se ao que viam perto; corpos afundavam abraçados; aqui apparecia e sumia uma cabeça; além, duas mãos agitavam-se á tona d'agua: objectos boiavam na confusão das espumas e a maruja

debruçada dos barcos, ia apanhando a esmo pelas aguas os que nadavam em enxames, formando verdadeiros camalotes humanos.

Não havia tempo nem calma para proceder-se a um recenseamento — recolhiam-se os que appareciam. Um, porém, que nadava em direitura a um barco, já ia a lançar-lhe as mãos quando se voltou inopinadamente e, a braçadas largas, retrocedeu, ao ponto onde reinava o horror, com mais pressa e afouteza do que delle fugira.

Chegou á barca, agarrou-se á balaustrada, saltou na coberta e, com a agua, que entrava aos rolos, desapareceu no que já era abysmo.

Dir-se-ia suicidio.

Instantes depois viram-no resurgir, lançar-se de peito ao mar de volta á salvação, não só, como fôra, mas trazendo consigo um galbo verde em que, por vezes, no lufar da aragem, como que se accendia uma chamma e apparecia uma nesga de céu constellado.

E se nadador intrepido, epigono da raça de Atlante, que carregava o mundo ás costas, com a terra florida e o céu estrellado, ereis vós, meu joven patricio, e o mundo que trazieis, generoso alferes, era este, o nosso, a Patria, senão ella, a grande arvore de frutos de ouro, cheirosa como a primavera e ampla na sua ramada viçosa e agasalhadora, a sua flôr, que é a bandeira.

E tal feito de abnegação vós o realizastes por dois motivos ambos grandes e dignos de serem contados: pelo vosso patriotismo, porque vieis em perigo de sossobro o symbolo sagrado; pela vossa lealdade, porque era vosso dever acudir, ainda arriscando a vida, em soccorro do que fôra confiado á vossa guarda, á vossa coragem, á vossa honra.

Tal gesto cumpre rememorado como estimulo aos da vossa idade, como lição aos mais velhos e norma para os que hão de vir.

Para premio do que fizestes aqui tendes o espectáculo formoso, que é uma apothese ao civismo, que desperta em novédios de esperança de grande dias para o Brasil. A raça que vem, nasce heroica e forte para heroismos.

Não ha religião sem Deus nem Patria sem bandeira. O proprio céu, quando batalhou na terra pela victoria christan, teve o seu estandarte empunhado por Constantino — e foi o lábaro.

Prestar culto á bandeira é venerar o espaço e o tempo nos limites geographicos de uma nação e nelles a raça e tudo que ella representa e abrange. Venera-se na bandeira o espaço pelo amor á terra que é duas vezes berço: no somno que acorda

do mysterio na manhan da vida e no somno que vae da noite profunda para o mysterio; venera-se nella o tempo pelo culto do passado, de onde ella vem, no amor do presente, a que ella assiste, e na ancia pelo futuro para o qual acena, palpitando no mastro, como uma asa que ensaia vôo largo.

Honra-se a raça pelo respeito religioso que se deve aos mortos constructores e semeadores, pela solidariedade que se deve aos vivos, collaboradores da obra do engrandecimento patrio, e pela confiança com que esperamos os que hão de vir continuar a obra em que trabalharam os que são hoje terra, em que trabalhamos nós e em que hão de trabalhar, para gloria e fortuna do Brasil os que ainda são pollen ethereo e que serão força humana amanha.

Que é a bandeira? é um panno e é uma nação, como a cruz é um lenho e é toda uma fé. Que é a semente, particula infima, que uma formiga transporta — e é o jequitibá em que repousa a nuvem. Que é a gotta d'agua? uma lagrima e é a essencia dos oceanos. Que é a flor? maravilha fragil de algumas horas, poesia ephemera das plantas — e é fruto. Que é o beijo? scentelha que resulta do encontro de labios desejosos e é a Fé-cundidade.

Assim a bandeira. E' um panno e é terra, mares, céus, povo, tempo — a nação, a raça. E' a geographia e a historia, é a tradição e a lenda, é a poesia e a sciencia, é o canto alado e a palavra grave; é o exercito que marcha, é a esquadra que singra ao longo da costa, é a frota de commercio e é a piôga ligeira do pescador; é a Arte e a Religião, é o commercio é a lavoura, é a industria; é o lar, é o campo, é a floresta e o monte, é o paul e o rio, é a féra, que ruge, e é o rebanho pacífico; é o passaro que canta, é o ouro que fulge na areia, é a nuvem, é a estrella, é o céu azul — é tudo, é a Patria.

No culto á bandeira encerram-se todos os nossos deveres, desde os que nos são impostos pelo amor, até os que nos são prescriptos pela Lei; assim Deus e a Natureza, assim a Justiça e a Moral.

Foi tudo isto, meu joven patricio, que o vosso heroismo salvou do vórtice traiçoeiro.

Mas, quando esplende o sol, porque havemos de accender luzes pallidas? Que valem palavras que morrem diante da evidencia perduravel? O que eu não lograria dizer, ainda que dispuzesse de todo o thesouro da lingua, dil-o, com sua eloquencia serena, a bandeira que empunhaes.

Ha nella marugem, porque vem da agua salgada, como haveria rasgões se houvesse voltado da guerra. Mas, assim como não se remendam estandartes que regressam esfarrapados

dos recontros a ferro e fogo, assim também não se deve lavar a bandeira que trazeis para que nella fique, para todo o sempre, o sal das ondas de onde foi salva pelo vosso amor.

Quem lavasse a Veronica, apagando nella a imagem sanguinolenta, faria do guião do Christianismo um trapo sem significação.

As bandeiras vivem como seres e têm as suas alegrias como as suas dores. Deixemol-as como estão — Evangelhos da Nacionalidade não podem ser emendados.

Quando, depois do naufragio, foi a bandeira reconduzida ao Collegio, os meninos, ainda transidos do horror que lhes causara o sinistro e chorando os companheiros mortos, correram a recebê-la em triumpho beijando-a veneradamente.

E dos leitos, onde jaziam os que mais haviam soffrido, vozes reclamavam na, e assim andou ella do pateo para as salas, das salas para a enfermaria, como a divindade domestica, e os que a beijavam sentiam o gosto amargo das ondas que lhes recordava o perigo de que haviam escapado, do qual ella também volvia salva pela dedicação heroica de uma criança, que sois vós, para honra do collegio em que vos educaes, cujos directores souberam incutir no vosso coração esse sentimento que fará a grandeza do Brasil no dia em que se generalisar, espalhando-se por todas as almas, a luz da instrucção, que é para o espirito o que é o sol para a natureza.

A divindade é, por vezes, cruel e, para fazer o milagre, exige victimas nas aras.

O sacrificio foi grande, a oblata custou lagrimas copiosas, mas o milagre veio e ahí está. Surgiu no proprio altar verde como o lume subia do fogo rogal.

Eil-a ahí, a bandeira salva e, com ella, a alma juvenil da Patria engrandecida.

A criança mostrou aos homens como se salva uma reliquia já subvertida na catastrophe. Imitemos o grandioso exemplo.

Façamo-nos fortes na escola do heroismo e, acima das aguas como no meio do fogo, mantenhamos alto o pavilhão querido e, enquanto a paz nos sorrir trabalhemos felizes sob o seu agasalho: lancemos a semente á terra e recolhamos o fructo, eduquemos os nossos filhos e velemos o nosso altar — ella nos dará sombra igual a que espalhava sobre o povo de Deus a nuvem caminhante, e na guerra será a columna de fogo que nos levará á victoria.

E será sempre a bandeira augusta, a immaculada, e a sua voz, que é o hymno, nos chamará ao dever, seja elle o trabalho ou seja a guerra. Ouçamol-o com orgulho energico e vamos por elle, firmes.

Não nos deixemos abater pelo desalento: a hora não é de desanimo, mas de arrancada. De pé e para diante; o heroismo ahí está latente no coração das crianças: é o fogo novo que relembra.

Quero repetir-vos palavras de um moralista, muito á feição do momento que atravessamos. Diz, em um dos seus livros, o pastor Charles Wagner: «O bem existe. Vou proval-o. Imaginae que vos achaeis em assembléa numerosa reunida na sala vasta do andar superior de um predio antigo e que, de repente, algum vos diz: «Tudo isto, desde o tecto ao soalho, está podre, a cair.» A principio acceitae o dito como verdadeiro; logo, porém, corrigis a denuncia com a objecção: Como é possível que, estando tudo isto podre ainda não tenha desabado com o peso de tanta gente?! Se tal não se dá, é porque ha ainda vigas que sustentam, columnas que resistem e muros solidos.» Dá-se o mesmo com a sociedade humana. A prova de que ha ainda bons elementos é que a sociedade ahí está e vive. Si só existissem pecularios, funcionalismo venal, sacerdotes hypocritas, officiaes indignos, empregados concussionarios, homens sem consciencia, mulheres sem pudor, casas desunidos, filhos ingratos, jovens depravados, já, ha muito, seriamos ruinas.»

«Todo movimento grande que se impõe nos annos do mundo é o triumpho de algum enthusiasmo», diz Emerson. Não nos deixemos levar na corrente do chamado destino, que é a superstição dos covardes. Reajamos contra a fraqueza e, nadando rijo, alcancemos a margem da vida onde exubera a força e a esplança a Belleza eterna.

Eis ahí a criança como saiu da catastrophe: com a bandeira da Patria salva pelo seu heroismo. Sigamos o vexillario infante e com elle, refeitos de animo e com o enthusiasmo que accendem as acções briosas, levemos o Brasil por diante, semeando-o para flores e fructos, cobrindo-o de escolas para aclarar consciencias, armando-o para que se defenda na terra, no mar e no espaço, tornando-o, de desolada nação de tristeza, na Chanaan dos prégões alviçareiros, terra de fertilidade e paz, terra do bem e do sorriso, terra de energia e de fé, para que não haja o contraste do sol mais lindo e das estrellas mais claras dando luz de ouro e de prata a um povo de derrotados pela propria inercia e pelo desalento dos corações sem animo. Sigamos, com a bandeira que palpita ao vento, agitando-se em ancia de avançar. Leva-a no punho a mocidade heroica. Avante com ella para o futuro e para a gloria!»

Oração à bandeira

(DE OLAVO BILAG)

Bem dita sejas, bandeira do Brasil!

Bem dita sejas, pela tua belleza! E's alegre e triumphal. Quando te estendes e estalas á viração, espalhas sobre nós um canto e um perfume; porque a viração, que te agita, passou pelas nossas florestas, roçou as toalhas das nossas cataractas, rolou no fundo dos nossos grotões agrestes, beijou os pináculos das nossas montanhas, e de lá trouxe o bulício e a frescura que entrega ao teu seio carinhoso. E's fôrmosa e clara, graciosa e suggestiva. O teu verde da côr da esperança, é a perpetua mocidade da nossa terra e a perpetua meiguice das ondas mansas que se espreguiçam sobre as nossas praias. O teu ouro é o sol que nos alimenta e excita, pae das nossas searas e dos nossos sonhos, nume da fartura e do amor, fonte inesgotavel de alento e de belleza. O teu azul é o céu que nos abençôa, inundado de soalheiras offuscantes, de luares magicos e de enxames de estrellas. E o teu Cruzeiro do Sul é a nossa historia: as nossas tradições e a nossa confiança, as nossas saudades e as nossas ambições; viu a terra desconhecida e a terra descoberta, o nascer do povo indeciso, a inquieta alvorada da Patria, o soffrimento das horas dificeis e o delirio dos dias de victoria; para e'le, para o seu fulgor divino ascenderam, numa escalada anciosa, quatro seculos de beijos e de preces; e pelos seculos em fóra irão para elle veneração commovida e o culto feiticiستا das multidões de brasileiros que hão de viver e lutar!

Bem dita sejas, pela tua bondade! Cremos em ti; por esta crença trabalhamos e penamos. A' tua sombra, viçam os nossos sertões, cavados em valles meigos, riçados em brenhas fecundas, levantados em serras majestosas, em que se escondem torvelins de existencias e thesouros virgens; fluem as nossas aguas vivas e vertentes, em que circulam a nossa soberania e o nosso commercio, agora derramadas em correntes generosas, agora precipitadas em rebojos esplendidos, agora remansadas entre selvas e collinas; sorriem os nossos campos, cheios de lavouras e de gados, cheios de casaes modestos, felizes no suado labor e na honrada paz. E, sob a tua égide rumorejam as nossas cidades,

colmeias magnificas, em que tumultuam ondas de povo, e em que se extenuam braços, e se estalfam corações, e ardem cerebros, e resfolegam fabricas, e estrugem estaleiros, e vozeiam mercados, e soletram escolas, e rezam egrejas.

Bem dita sejas, pela tua gloria! Para que seja maior a tua gloria, juntam-se, na mesma labuta, a enxada e o livro, a espada e o escopro, a espingarda e a trolha, o alvião e a penna. Para o teu regaço piedoso, elevam-se, como uma oblata, os aromas dos jardins e os rolos de fumo das chaminés; e sóbe o hymno sacro de todas as nossas almas, resoando o nosso esforço, o nosso pensamento e a nossa dedicação, — vozes altas e concertantes, em que se casam o ranger dos arados, o chiar dos carros de bois, os silvos das locomotivas, o retumbar das machinas, o ranger dos engenhos, o clamor dos sinos, o clangor dos clarins dos quartéis, o esfusiar dos ventos, o ramalhar das matas, o murmurejo dos rios, o regougo do mar, o gorgueio das aves, todas as musicas secretas da natureza, as cantigas innocentes do povo, e a serena harmonia criadora das lyras dos poetas.

Bem dita sejas, pelo teu poder; pela esperança, que nos dás; pelo valor que nos inspiras, quando, com os olhos postos em tua imagem, batalhamos a boa batalha, na campanha augusta em que estamos empenhados; e pela certeza da nossa victoria, que canta e chispa no fremito e no lampejo das tuas dobras ao vento e ao sol! Bem dita sejas, pelo teu influxo e pelo teu carinho, que inflamarão todas as almas, condensarão numa só força todas as forças dispersas no territorio immenso, abafarão as invejas e as rivalidades no seio da familia brasileira, e darão coragem aos fracos, tolerancia aos fortes, firmeza aos crentes, o estimulo aos desanimados! Bem dita sejas! e, para todo e sempre, expande-te, desfralda-te, palpita e resplandece, como uma grande aza sobre a definitiva Patria, que queremos criar forte e livre: pacifica, mas armada; modesta, mas digna; dardivosa para os extranhos, mas, antes de tudo, maternal para os filhos; liberal, misericordiosa, suave, lyrica, mas escudada de energia e de prudencia, de instrucção e de civismo, de disciplina e de cohesão, de exercito dextro e de marinha aparelhada, para assegurar e defender a nossa honra, a nossa intelligencia, o nosso trabalho, a nossa justiça e a nossa paz!

Bem dita sejas, para todo o sempre, bandeira do Brasil!

Do *Correio Paulistano*, de 29 de Novembro, transcrevemos algumas das bellas palavras pronunciadas pelo paronympho da turma de professorandos da Escola Normal de Pirassununga, senador Lacerda Franco, por occasião da entrega dos diplomas aos alumnos que completaram o curso.

A festa que se revestiu de grande brilho, é mais um attestado do trabalho patriótico e fecundo realizado pelas nossas Escolas Normaes.

Colorosamente applaudidas pelo selecto auditorio que abrihantava o vasto salão, as palavras do illustre senador, bem merecem, acreditamos, ficarem consignadas em nossa *Revista*.

« Para se apreciar todo o valor da creação deste estabelecimento de ensino, que brevemente funcionará no bello edificio actualmente em construcção, eu vou citar-vos um facto que conheceis, mas que desejo consignar, como prova da vantagem da distribuição do ensino em varias localidades do Estado, facto que muito honra a um vosso collega de turma.

Refiro-me ao senhor Angelo Bereta Primo, a quem conheci como trabalhador rural, em uma fazenda deste municipio, pertencente a parentes meus, e que, depois de casado, e com filhos, se matriculou nesta Escola, e hoje recebe comvosco, o diploma de professor, sem ter abandonado o trabalho e onde tira os meios para a sua subsistencia.

Senhores:

Olavo Bilac, ainda ha poucos dias prégava a necessidade da educação civica alliada ao serviço militar obrigatorio aos alumnos das nossas escolas.

Pois bem, senhores, eu não estou de pleno accôrdo com a opinião do grande poeta, apresentada no seu memoravel discurso, pronunciado na Faculdade de Direito de São Paulo, porque sou dos que pensam que a educação da caserna não basta para levar ao espirito dos soldados o verdadeiro sentimento de patriotismo e a comprehensão dos seus deveres civicos.

Para conseguir este ideal, é preciso ministrar na escola primaria indispensaveis e efficazes conhecimentos, que elevem a moral e desenvolvam o espirito da mocidade.

Penso, pois, que, como meio de crear e desenvolver o sentimento de patriotismo da nossa mocidade, devemos fundar escolas para preparar o espirito da criança, que nellas, receberá as verdadeiras noções dos deveres civicos do cidadão.

E foi com este elevado pensamento que os estadistas republicanos, dirigentes neste Estado, iniciaram a phase brilhantissima da instituição do ensino popular paulista.

Em nosso Estado, desde o regimen monarchico se comprehendeu a imprescindivel necessidade do ensino de professores para as escolas publicas, mas só depois da proclamação da Republica é que se organisou, convenientemente, o ensino nas escolas normaes.

Foi Prudente de Moraes o primeiro governador de São Paulo, no regimen republicano, que promoveu a edificação da primeira escola normal da Capital.

Bernardino de Campos, Cesario Motta e Caetano de Campos, foram os organisadores do ensino pelos methodos modernos.

Os governos que succederam a Bernardino de Campos continuaram com o mesmo empenho e dedicação a cuidar da instrucção nas bases por elle estabelecidas.

Dahi, os resultados conseguidos e já de efeitos positivos na educação popular do nosso Estado, motivo por que é considerado em instrucção o primeiro do Brasil.

E é por isso que a noção do civismo, muito se revela no espirito do povo paulista.

Pela perfeita comprehensão desse dever, a mocidade das nossas escolas, nas quaes recebem instrucção militar, muito se compenetra dos seus sentimentos patriotas.

E para justificação deste nosso acerto, basta attentarmos na organização das escolas de tiro, sob a direção militar, que pouco duraram, e nas de instituição civil, baseadas no voluntariado, para concluirmos em favor desta.

A substituição destas escolas de tiro, pelo bello e utilissimo corpo de escoteiros, representa um passo notavel no progresso do nosso Estado, tanto pela disciplina, como pelo sentimento de civismo, de que essa mocidade se anima, sem abdicar da sua liberdade de acção.

Aquelles caminhariam, para a defesa da Patria, sob o rigorismo do código militar; estes irão, na defesa do mesmo ideal, impulsionados pelo sentimento consciente do dever, do civismo, e do amor ao torrão que lhes foi berço.

Basta a grande impressão que, na parada do dia 15 de Novembro, na Capital, ficou desses escoteiros, organisados e dirigidos, com grande dedicação, pelo illustre deputado dr. Alcantara Machado, para nos convenceremos de que as instituições destes são preferiveis para despertar e desenvolver o sentimento physico e amor patrio.

Senhores professorandos.

Não preciso falar-vos da importancia da vossa missão e quanto é de esperar da vossa dedicação pela causa do ensino em nossa Patria.

O exemplo e ensinamentos dos vossos dignos mestres, serão o vosso guia na brilhante carreira que vos está reservada no exercicio do magisterio.

Lembrando-vos, para symbolo do vosso diploma, a grande figura do padre José de Anchieta, que consagrou toda a sua vida, tão cheia de nobres exemplos de virtude, ao ensino, nos primeiros tempos da nossa nacionalidade, indicastes a rota que deveis seguir na ardua tarefa que vos impuzestes de educar a nossa mocidade, da qual deveis esperar, como justo premio, a gratidão, quando, no decorrer da vida, vossos discipulos reconhecerem os grandes beneficios do ensino que lhes ministrastes na cultura do seu espirito e formação do seu character».

ARTHUR BREVES

Doloroso começou para a nossa Associação o presente anno, em que repentinamente perdeu um de seus consocios mais dedicados.

Arthur Breves, professor e publicista de reconhecido merito, pelo seu longo tirocinio nas cousas da Instrução publica, pelo seu preparo pouco vulgar, occupou sempre um lugar saliente, tendo sido presidente de nossa Associação durante varios exercicios.

Dedicado ultimamente ás lides da imprensa e ao ensino particular, deixou na sociedade paulista grande numero de admiradores pela sua erudição e preparo profissional.

A Associação perdeu tambem um de seus mais conceituados membros, tendo consignado em suas actas os votos de profundo pesar pela perda soffrida.

Temos mais a lamentar a perda do distincto consocio Joaquim Lauro de Monte Claro Filho, dedicado professor com longo exercicio na cidade de Lorena.

Socio remido de nossa Associação, o pranteado professor gozava de grande estima e merecida consideração.

A' familia enlutada apresentamos nossas condolencias.

Jubileu Pedagógico

A *Revista de Ensino* se compraz em associar-se ás demonstrações de applauso com que foi recebido o — Jubileu Pedagógico — realizado em 17 de Dezembro ultimo, por occasião do 25.º anniversario da formatura dos professorandos de 1890.

A bella iniciativa veiu patentear á classe do Professorado o caminho que o póde conduzir a maior solidariedade e fraternal convívio.

Indiscutivelmente a grande maioria, os bem orientados, animados do mais nobre ideal, dedicam-se com afincó ao estreitamento dos laços de camaradagem para maior prestigio da classe.

Acreditando que o facto auspicioso inicia uma nova época de nobilitante esforço para bem do ensino e elevação do mestre primario, reproduzimos aqui a apresentação com que a Comissão promotora do Jubileu, composta dos professores João Lourenço Rodrigues, Alfredo Bresser da Silveira e Raphael de Lima, abriu a elegante *Polyanthéa Commemorativa*.

Eil-a :

PELA TRADIÇÃO

Ha 25 annos, o inolvidavel Mestre que foi Caetano de Campos, encerrando as aulas de Biologia, na Escola Normal, despedia-se dos seus primeiros discipulos com uma formosa allocução que rematava por este voto :

«Das corôas com que o futuro ha de galardoar os vossos serviços á Patria, mandae-me uma flôr e seja essa flôr uma saudade.»

Promovendo esta commemoração, os normalistas de 1890 não tiveram outro intuito sinão corresponder aos desejos do Mestre.

Em busca da Escola que os armou cavalleiros, na ingente cruzada da Civilisação, eil-os que acodem de todos os recantos do Estado.

Trazem nas mãos, não uma flôr, como pedira o Mestre, mas todas as suas corôas, todos os trophéus conquistados em 25 annos de luctas porfiadas, de trabalho ignorado, mas honesto e fecundo

Caetano de Campos já não existe.

Que importa isso ?

No posto supremo de Director da Escola Normal da Capital está um dos discipulos que mais o honram pelo seu descortino.

De uma commemoração inspirada pela saudade, fez elle uma festa de solidariedade e incentivos ; do jubileu dos professorandos de 90 vae surgir, ao seu aceno, uma instituição nova em S. Paulo — o *alumni-day*, isto é, o dia de recepção dos antigos alumnos.

E' o culto á tradição que se inicia, e quem haverá tão sceptico para desconhecer o alcance moral e civico de um tal culto ?

A tradição, diz um moralista inglez, fortalece a vida presente, sustenta-a, eleva-a, illustra-a pela memoria dos grandes feitos realísados, dos nobres soffrimentos supportados.

Não está ahí, tão proximo de nós, o exemplo da Faculdade de Direito ?

Qual o segredo do seu prestigio, sinão o modo carinhoso com que se pratica ali o culto do passado ?

Muitos dos antigos alumnos, depois de se haverem illustrado na vida publica, depois de haverem conquistado um nome nacional, lá vão em demanda dos velhos muros da Academia para offerecer os seus trophéus, testemunhar a sua gratidão, receber as consagrações merecidas, retemperar-se ao contacto da mocidade, sempre entusiasta, sempre enamorada dos nobres idéaes.

Si duvidas houvesse sobre os beneficios desses encontros entre antigos e novos alumnos, o facto recente da visita de Olavo Bilac e o movimento nacional, a que essa visita deu origem, bastariam para dissipar taes duvidas.

Pois bem, venha o *alumni-day* como um fructo do jubileu dos professorandos de 1890.

Venha quanto antes a nova instituição, como um meio de retemperar a coragem dos velhos combatentes do magisterio.»

Recebemos o discurso pronunciado pelo sr. Reynaldo Ribeiro da Silva na sessão solemne da formatura dos professorandos da Escola Normal Secundaria da Capital em 24 de novembro de 1915.

E' um bellissimo trabalho que documenta perfeitamente a notavel erudicção do autor que proficientemente rege uma das cadeiras da nossa Escola Normal.

Lamentando não poder publicar o magnifico trabalho por absoluta falta de espaço, felicitamos o seu autor

REVISTA ESCOLAR

Gentilmente offerecida pela Sra. D. Eva Van Endem recebemos a *Revista Escolar*, optima publicação da Capital Federal.

Ficámos agradavelmente impressionados com o aspecto da mimosa revista. Ao lado da parte material, que é excellente, encontramos magnificos trabalhos scientificos e literarios. A literatura infantil, genero difficilimo e pouco explorado, tem na *Revista Escolar* dedicados propugnadores,

E' uma publicação que por certo fará o encanto dos paes, dos mestres e das crianças.

Com prazer permutaremos como novel collega.

ACTOS OFFICIAES

LEI N. 1479 — DE 24 DE NOVEMBRO DE 1915.

Cria e converte escolas preliminares

O doutor Francisco de Paula Rodrigues Alves, Presidente do Estado de São Paulo,

— Faço saber que o Congresso decretou e eu promulgo a lei seguinte :

Artigo 1.º Ficam creadas as seguintes escolas preliminares :

§ 1.º Masculinas :

uma no bairro de São Benedicto, do municipio de Pirassununga ;

uma em Americo Brasiliense, do municipio de Araraquara ;

uma na Villa dos Lavradores, do municipio de Botucatu ;

uma no bairro da Fazenda Villa Victoria, do mesmo municipio ;

uma na sede do municipio de São José do Rio Pardo, para ser localizada no bairro urbano de Bom Successo ;

uma no bairro do Porto do Guedes, do municipio de Tatuhy ;

uma no bairro do «Capão Alto», do municipio de Itapetininga ;

duas na sede do municipio de Araraquara ;

uma no bairro da Raia, do municipio de Pirassununga ;

uma no bairro da Campineira, do municipio de Porto Ferreira ;

uma no bairro dos Dois Corregos, do municipio de Caçapava ;

uma na sede do municipio de Sarapuby ;

uma no bairro do Ribeirão, do municipio de Cotia.

§ 2.º Femininas :

uma no bairro de São Benedicto, do municipio de Pirassununga ;

uma em Americo Brasiliense, do municipio de Araraquara ;

uma na estação de São Caetano, districto de Santo André, municipio de São Bernardo ;

uma na sede do municipio de Campo Largo de Sorocaba ;

uma na Villa dos Lavradores, do municipio de Botucatu ;

uma na séde do municipio de Piracicaba, para ser localizada no bairro da Boa Morte ;
 uma no bairro da Campineira, do municipio de Porto Ferreira ;
 uma na séde do municipio de C. breúva ;
 duas na séde do municipio de Araraquara ;
 uma na séde do municipio de São Roque ;
 uma na séde do municipio de S. José do Rio Pardo, para ser localizada no bairro urbano de Bom Successo ;
 uma em Bernardino de Campos, no municipio de Pirajú.

§ 3.º Mixtas :

uma em Pimenta, do municipio de Indaiatuba ;
 uma em Santa Lucia, do municipio de Araraquara ;
 uma em Iegá-mirim, do municipio de Itú ;
 uma no bairro do Morro Azul, districto de Janirú, do municipio de Atibaia ;
 uma no bairro de Agua Branca, do municipio de Piracicaba ;
 uma no bairro do Palheiro, districto de paz de Conceição, do municipio de Campinas ;
 uma no bairro da Olaria, do municipio de Itapeverica ;
 uma no bairro dos Leites, do municipio de Piedade ;
 uma no bairro do Ipanema, do municipio de Campo Largo de Sorocaba ;
 uma no bairro do Tanquinho, do municipio de Sorocaba ;
 uma no bairro do Rio Acima, do mesmo municipio de Sorocaba ;
 uma na Villa dos Lavradores, do municipio de Botucatu ;
 uma no bairro do Rosario, do mesmo municipio ;
 uma no bairro do Guarantan, do mesmo municipio ;
 uma no bairro de Pratinha, do mesmo municipio ;
 uma no bairro dos «Fragas», do municipio de Tatuhy ;
 uma no bairro de Cruz Alta, do municipio de Tieté ;
 uma no bairro dos Allemães, districto de Conchas, do mesmo municipio ;
 uma no bairro de Guassú, do municipio de S. Roque ;
 uma no bairro do Coronel Indalecio Camargo, districto de paz de Cerquillo, do municipio de Tieté ;
 uma no bairro Alto das Almas, do municipio de Guaratinguetá ;
 uma no bairro do Congonhal, do municipio de Piracicaba ;
 uma no bairro de Agua Branca, do mesmo municipio ;
 uma no bairro do Saibreiro, do mesmo municipio ;
 uma no bairro Estrada do Meio, do mesmo municipio ;
 uma no bairro de Jaguaré, districto de Butantan, do municipio da Capital ;
 uma no bairro André Dias, do municipio de Capivary ;
 uma na Colonia da Boa Vista, do municipio da Faxina ;

uma no bairro das Pederneiras, do municipio de Tatuhy ;
 uma na séde do municipio de Sarapuby ;
 uma no bairro de Canedos, do municipio de Piracaia ;
 uma no bairro do Pinheiro, do municipio de Guaratinguetá ;
 uma no bairro do Rio Acima, do mesmo municipio ;
 uma no bairro da Lapa, do municipio de Rio das Pedras ;
 uma na Estação de Campo Grande, do municipio de São Bernardo.

Artigo 2.º Ficam criadas as seguintes escolas nocturnas masculinas, para adultos :

uma na séde do municipio de Araraquara ;
 uma na séde do municipio de Sorocaba ;
 uma na séde do municipio de Capão Bonito do Paranápanema ;
 uma na séde do municipio de S. Roque ;
 uma na séde do municipio de Sarapuby ;
 uma na séde do municipio de Cotia ;
 uma na séde do municipio de Bebedouro.

Artigo 3.º Ficam convertidas em mixtas : as escolas masculinas, vagas, do bairro do Eogenho, do municipio de Araçariguama, do bairro da Cachoeira-Abaixo, do municipio de Piracaia e do bairro de Santa Rita, do municipio de Guaratinguetá, e a feminina do bairro do Vallo-Velho, do municipio de Santo Amaro.

Artigo 4.º Revogam-se as disposições em contrario, entrando esta lei em vigor na data da sua publicação.

O Secretario de Estado dos Negocios do Interior as im a faça executar.

Palacio do Governo do Estado de São Paulo, aos 24 de Novembro de 1915.

FRANCISCO DE PAULA RODRIGUES ALVES
Eloy de Miranda Chaves.

Publicada na Secretaria de Estado dos Negocios do Interior, aos 30 de Novembro de 1915. — *Carlos Reis.*

LEI N. 1487 — DE 17 DE DEZEMBRO DE 1915

Cria e converte escolas preliminares

O doutor Francisco de Paula Rodrigues Alves, Presidente do Estado de S. Paulo.

Faço saber que o Congresso Legislativo decretou e eu promulgo a lei seguinte :

Artigo 1.º — Ficam creadas as seguintes escolas preliminares :

§ 1.º — *Masculinas* :

duas no districto de S. Joaquim, do municipio de Orlandia ;
 duas na séde do municipio de Bica de Pedra ;
 uma no bairro da Boa Esperança, do municipio de Porto
 Ferreira ;
 uma no bairro do Morro Alto, do municipio de Araras ;
 uma no bairro do Campinho, do municipio de Lorena ;
 uma no bairro do Ronco, do mesmo municipio ;
 uma no bairro do Aterrado de Fóra, do mesmo municipio ;
 uma no bairro dos Rosas, no municipio de Amparo ;
 duas na séde do municipio de Ipaussú ;
 duas na séde do municipio de Pirajuby ;
 uma no bairro da Corredeira, do mesmo municipio ;
 uma no bairro da Casa Verde, do municipio da Capital ;
 uma no bairro Arthur Nogueira, do municipio de Mogy-
 mirim ;
 uma no bairro do José Nunes, do municipio de Piratininga ;
 uma na villa Jagnaribe, districto de Campos do Jordão, do
 municipio de S. Bento do Sapucahy.

§ 2.º — *Femininas* :

duas no districto de S. Joaquim, do municipio de Orlandia ;
 uma na villa de Palmares, do municipio de Monte Alto ;
 duas na séde do municipio de Bica de Pedra ;
 uma no bairro de Boa Esperança, do municipio de Porto
 Ferreira ;
 uma no bairro do Bebedouro, do municipio de Santa Rita
 do Passa Quatro ;
 uma no bairro do Morro Alto, do municipio de Araras ;
 duas na séde do municipio de Ipaussú ;
 duas no bairro do Guayanan, do municipio de S. Roque ;
 duas na séde do municipio de Pirajuby ;
 uma no bairro da Corredeira, do mesmo municipio ;
 uma no bairro da Casa Verde, do municipio da Capital ;
 uma no bairro de Arthur Nogueira, do municipio de Mogy-
 mirim ;
 uma na séde do municipio de Piratininga ;
 uma na villa Jaguaribe, districto de Campos do Jordão, no
 municipio de S. Bento do Sapucahy.

§ 3.º — *Mixtas* :

uma no bairro Piaguhy, do municipio de Guaratinguetá ;
 uma no bairro da Estação de Toledo, do municipio de S.
 Manoel do Paraizo ;
 uma no bairro da Fazenda S. Salvador, do municipio de
 Santa Cruz do Rio Pardo ;

uma no bairro S. Pedro, do municipio de Tieté ;
 uma no bairro «Aguas Virtuosas de Santa Rosa», no dis-
 tricto de paz de Campos Novos, do municipio de Cunha ;
 uma no bairro de S. Benedicto do Parahytinga, no districto
 de paz de Campos Novos, do mesmo municipio ;
 uma no bairro da Granada, do municipio de Bebedouro ;
 uma no bairro de Jaguary, do municipio de Jacarehy ;
 uma no bairro do Tanquinho, do municipio de Botucatu ;
 uma no bairro do Capão Bonito, do mesmo municipio ;
 uma no bairro da Boa Esperança, do municipio de Porto
 Ferreira ;
 uma no bairro dos Pintos, no municipio de Santa Cruz da
 Conceição ;
 uma no bairro Bergamano (Nucleo «Caio Prado») do mu-
 nicipio de Araras ;
 uma no bairro do Capão Alto (Nucleo «Caio Prado»), do
 mesmo municipio ;
 uma no bairro do Capitolio, do municipio de Araras ;
 uma no bairro das Araras, do mesmo municipio ;
 uma no bairro de S. Francisco, do municipio de S. José
 do Barreiro ;
 uma na séde do municipio de Faxina ;
 uma no bairro do Guarehy Velho, do municipio de An-
 gatuba ;
 duas na séde do districto de paz de Monte Alegre, do mu-
 nicipio de Amparo ;
 uma no bairro dos Alves, do mesmo municipio ;
 uma no bairro de Santa Cruz dos Coqueiros, do mesmo
 municipio ;
 uma no bairro de Alferes Rodrigues, do mesmo municipio ;
 uma no bairro do Salto de Pirapóra, do municipio de
 Sorocaba ;
 uma no bairro da Agua Vermelha, do mesmo municipio ;
 uma no bairro do Balduino, do mesmo municipio ;
 uma na séde do municipio de Sorocaba, para ser localizada
 nas proximidades da Fabrica «São Paulo» ;
 uma na séde do municipio de Sorocaba, localizada na pro-
 ximidade do cemiterio ;
 uma no bairro de Sitio Grande do municipio de Ytú ;
 uma no Bairro Alto, do municipio de Mogy mirim ;
 uma no bairro de Queixada, do municipio de Bariry ;
 uma no bairro de Viuval, do mesmo municipio ;
 uma no bairro da Lagôa Secca, do mesmo municipio ;
 uma no bairro do Poçinho, do mesmo municipio ;
 uma no bairro do Catingueiro, do mesmo municipio ;

uma no bairro do Livramento, do mesmo municipio ;
 uma no bairro dos Baptistas, do mesmo municipio ;
 uma no bairro do Bom Successo, do mesmo municipio ;
 uma no bairro do Barreiro, do mesmo municipio ;
 uma na estação do Alto da Serra, do municipio de São Bernardo ;
 uma no bairro de Agua Preta, do municipio de Pindamonhangaba ;
 uma no bairro de Taparoquéra, municipio de Santo Amaro ;
 uma no bairro de M'Boy-mirim, do municipio de Santo Amaro.

§ 4.º — *Nocturnas masculinas para adultos* :

uma na sede do municipio de Guarehy ;
 uma na sede do municipio de Casa Branca ;
 uma na sede do municipio de Lençóes ;
 duas na sede do municipio de Bragança ;
 uma na sede do municipio de S. Miguel Archanjo ;
 uma na sede do municipio de Bariry ;
 uma na sede do municipio de S. Bernardo ;
 uma na estação de Ribeirão Pires, do municipio de São Bernardo.

Artigo 2.º — Ficam convertidas : em mixtas a escola masculina, vaga, do bairro Monte Azul do municipio de Parahybuna ; a masculina vaga, do bairro do Rio das Pedras, do municipio de Guaratinguetá, e a feminina do bairro do Arrozal, do municipio do Espirito Santo do Pinhal, e em masculina, a escola mixta vaga, de «Bernardino de Campos», do municipio de Pirajú.

Artigo 3.º — Revogam-se as disposições em contrario.

O Secretario de Estado dos Negocios do Interior, assim a faça executar.

Palacio do Governo do Estado de São Paulo, em dezesepte de Dezembro de mil novecentos e quinze,

FRANCISCO DE PAULA RODRIGUES ALVES.
Eloy de Miranda Chaves.

Publicada na Secretaria de Estado dos Negocios do Interior, em 23 de Dezembro de 1915. — *João Baptista Alvarenga*, servindo de director-geral.

Movimento Associativo

Obedecendo ás disposições regulamentares effectuou-se a Assembléa geral da Associação Beneficente do Professorado Publico para apresentação do balancete social e eleição da Directoria e Conselho fiscal para o presente anno, e que deu o seguinte resultado :

Presidente — Ramon Roca Dordal

Vice Presidente — Alfredo Bresser da Silveira

1.º Director — Domingos de Paula e Silva

2.º » — Armando Gomes de Araujo

Thesoureiro — Isidro Denser

1.º Secretario — Demosthenes B. T. Marques

2.º » — Antonio Pereira Baptista

1.º Bibliothecario — Ernestino Lopes da Silva

2.º » — Pedro Dias Junior.

PARA CONSELHO FISCAL

Carlos A. Gomes Cardim

Joaquim Luiz de Brito

Frontino F. Guimarães.

Associação Beneficente do Professorado Publico do Estado de São Paulo

Balancete de 1.º de Janeiro a 31 de Dezembro de 1915

RECEITA

Saldo de 1914.	7:250\$868
<i>Recebido:</i>	
Mensalidades e jóias	1:916\$000
Auxílios condicionaes e adiantamentos	283\$400
Revista	55\$000
Juros	669\$052
<i>A receber:</i>	
Por diversos titulos	13:584\$790
De sete apolices do Estado	7:000\$000
<i>Movéis e utensílios:</i>	
Valor dos existentes com 10 % de abatimento.	856\$413

31:613\$523

DESPESA

Auxílios definitivos	195\$000
Auxílios condicionaes e adiantamentos	438\$000
Empregados	846\$800
Revista e expediente	492\$300
Acquisições de sete apolices	6:347\$000
Despesas extraordinarias	85\$000
<i>A receber:</i>	
Por Diversos titulos	584\$790
Movéis e utensílios, valor dos existentes.	856\$413
<i>Saldo em 31 de Dezembro de 1915:</i>	
Em apolices.	7:000\$000
Em deposito na C. Economica	796\$393
Em caixa	971\$827
	31:613\$523

S. E. OU O.

S. Paulo, 31 de Dezembro de 1915.

O thesoureiro, *Izidro Denser.*

PARECER DO CONSELHO FISCAL

Estamos de inteiro accordo.

Carlos A. Gomes Cardim.
Joaquim Luiz de Brito.
Frontino Guimarães.

Revista de Ensino

A *Revista de Ensino* continúa a representar, na imprensa, a *Associação Beneficente do Professorado Publico de S. Paulo*.

E' o seu organ; a ella devem ser endereçados (rua Ypiranga n. 24) os pedidos de assignatura e toda a correspondencia.

Pedimos aos srs. assignantes que ainda não mandaram reformar suas assignaturas, queiram fazel-o para evitar que lhes seja suspensa a remessa da *Revista*

A importancia da assignatura, 5\$000 por anno, pode ser enviada em valle postal ou em sellos do correio.

Com o presente numero a *Revista* começa a ser distribuida gratuitamente a todos os Srs. Professores e Professoras dos Grupos escolares do Estado, alumnos dos 4.ºs annos das Escolas Normaes e aos Professores de escolas isoladas que a requisitarem.

Deste modo a Redacção espera que todos os Srs. Professores se interessarão pela *Revista*, enviando sua collaboração, de modo que continúe a ser um repositorio seguro de observações em relação a todas as disciplinas do programma.

Deixou de ser procurador social o sr. Assis Velloso, pelo que, os srs. associados, que tiverem de enviar suas procurações, as dirigirão ao cidadão Aristides Pereira Leite, declarando nellas que podem ser substabelecidas, afim de que não venhão a soffrer interrupção no andamento de seus pedidos.

Toda a correspondencia será dirigida ao secretario da Associação, prof, Demosthenes Marques. Caixa do correio n. 185, Capital.

Os srs. associados têm direito, gratuitamente, aos serviços do procurador social, que trata nas repartições publicas do andamento de todos os papeis que dizem respeito ao exercicio dos srs. professores e professoras.

Está á venda o — nono — volume da *Revista*, para 1914-1916 para completar as antigas colleccções, preço 5\$000; a enviar pelo correio, mais 500 réis de porte e registro.

Os membros da Associação continuarão a receber a *Revista* gratuitamente, e os não associados poderão obtel-a por assignatura annual de 5\$000.

Contiuuamos a receber grande numero de publicações, com as quaes permutamos.

As recebidas ultimamente são :

Boletim da Alliança Franceza, Paris.

O Movimento, S. Manoel do Paraizo.

Bulletin Officiel, Paris.

Memoria de Instrução Publica, Costa Rica.

El Monitor de la Educación Común, Buenos-Ayres.

Revista de la Educación Fisica, Buenos-Ayres

Revista de Educación, Buenos-Ayres

Patria, Recife.

Monitor Sul-Mimeiro, C.d. da Campanha.

Le Mèssager de Saint Paul, Capital.

O Conservador, Nazareth.

Educação e Pediatria, Rio de Janeiro.

Boletim Mensual del Museo Social Argentino, Tucuman.

Diario Official, São Paulo.

La Revista Coioniale, São Paulo.

O Commercio do Acre, Xapury.

A Federação Escolar, Porto.

Via Lactea, Piauby.

Revista de Educação, Lisboa.

Educacion Comun, Buenos-Ayres.

Revista Escolar, Rio de Janeiro.

A Directoria Geral da Instrução Publica tem a seu cargo a Redacção da *Revista*, que voltou a ser editada ás expensas do Exmo. Governo do Estado.

As sras. professoras e os srs. professores podem dirigir os seus trabalhos de collaboração com este endereço :

Redacção da Revista de Ensino.

Directoria Geral da Instrução Publica.

Rua Ypiranga n. 24.

Para facilidade do serviço typographico, os artigos devem occupar uma lauda de cada tira de papel, escripta de um só lado.

Recebem-se collorações para o numero seguinte.

ESCOLAS NORMAES SECUNDARIAS

PROGRAMMA

1916

1.^a e 2.^a cadeiras

Português

1.^o ANNO

PARTE THEORICA

Estudo das categorias grammaticaes e das flexões, baseado na analyse das relações syntacticas.

- 1 Orações coordenadas : pontuação e connectivos.
- 2 Oração simples : verbo e substantivo ; synonymos e antonymos.
- 3 Complementos simples : palavras modificativas.
- 4 Locuções e orações subordinadas ; preposição e conjunção.
- 5 Fórmulas e syntaxe do pronome.
- 6 Syntaxe do substantivo e do adjectivo ; flexão nominal.
- 7 Syntaxe do verbo ; flexão verbal.

PARTE PRATICA

Leitura expressiva e commentada de auctores contemporaneos. Resumo e reprodução oral. Exercícios de memoria e de variedade de expressão. Explicação e registo de synonymos, termos technicos, expressões idiomáticas, etc.

Composição oral e escripta. Descrição de objectos observados, scenas naturaes, etc. Exposição de assumptos estudados fóra da escola e em outras cadeiras do curso. Narração de contos lidos com antecedencia. Exercícios de invenção. Relatorio de leituras supplementares e de excursões, visitas a monumentos, museus, etc. Summario de obras lidas por indicação da cadeira e escolhidas livremente.

2.^o ANNO

I Estudo dos elementos materiaes do vocabulo.

- 1 Homonymos e paronymos.
- 2 Syllaba e accento ; vogaes e consoantes.
- 3 Evolução dos sons, suas condições physio-psychologicas.
- 4 Orthographia : transcripção phonetica e escripta usual.

II Estudo dos elementos significativos da palavra.

- 1 Famílias: palavras primitivas, simples e compostas.
- 2 Derivação; suffixos.
- 3 Composição; prefixos.
- 4 Hybridismos; compostos gregos.

III Revisão e complemento da syntaxe.

- 1 Concordância.
- 2 Regencia.
- 3 Ordem.
- 4 Sentença composta.

PARTE PRÁTICA

Continuação dos exercícios do 1.º anno, tendo-se em vista o progresso dos alumnos nesta e nas demais cadeiras. Início do estudo de modelos classicos, particularmente dos Lusíadas.

Noções de Latim

3.º ANNO

PARTE THEORICA

Estudo elementar da lexeologia e comparação entre o latim e as linguas romanicas.

- 1 Phonologia.
- 2 Declinação dos nomes.
- 3 Adjectivo determinativo e pronome.
- 4 Verbos regulares (voz activa).
- 5 Conjugação passiva e depoente.
- 6 Verbos irregulares.
- 7 Palavras invariaveis.

PARTE PRÁTICA

Exercícios oraes e escriptos. Leitura, traducção e analyse. (Phe-dro). Versão de phrases faceis. Registo de vocabulario e classificação de familias de palavras.

4.º ANNO

PARTE THEORICA

Revisão do programma do 3.ª anno e estudo do emprego das categorias grammaticaes.

- 1 Substantivo e adjectivo qualificativo.
- 2 Pronome e adjectivo determinativo.
- 3 Verbo.
- 4 Adverbio.
- 5 Preposição.

- 6 Conjunção.
- 7 Interjeição.

PARTE PRÁTICA

Continuação dos exercícios do 3.º anno.

Litteratura

3.º ANNO

PARTE THEORICA

I Noções de litteratura e rhetorica; divisão do curso.

II Estudo da invenção.

- 1 Aptidões pessoais e habitos.
- 2 Qualidades dos pensamentos.
- 3 Processos geraes de disposição da materia.
- 4 Reprodução do pensamento alheio.
- 5 Diferentes generos de invenção.

III Estudo do estylo.

- 1 Dicção em geral.
- 2 Varias especies de dicção.
- 3 Figuras.
- 4 Processos de composição litteraria.
- 5 A sentença e o paragrapho.

PARTE PRÁTICA

Continuação e desenvolvimento dos exercícios do 2.º anno, imprimindo-se-lhes cunho litterario. Composições originaes, parallelos, dissertações, ensaios, monographias e debates, sobre assumptos scientificos e artisticos, pedagogicos e patrioticos.

Estudo de auctores indicados pela cadeira.

4.º ANNO

PARTE THEORICA

I Noções de glottologia.

- 1 Theoria da linguagem; sua natureza e evolução.
- 2 Classificação das linguas; filiação do latim e do portuguez.

II Noções de philologia.

- 1 Antiguidade oriental.
- 2 Litteratura grega.
- 3 Litteratura latina.
- 4 Idade media.

III *Formação e desenvolvimento, na Europa e na America, da lingua e da litteratura portugüesa.*

- 1 Período trovadoresco.
- 2 Seculo XV.
- 3 Seculo XVI.
- 4 Seculo XVII.
- 5 Seculo XVIII.
- 6 Seculo XIX.
- 7 Seculo XX.

PARTE PRÁTICA

Continuação dos exercícos do 3.º anno. Estudo de monumentos litterarios antigos e modernos, indicados pela cadeira.

3.ª Cadeira

Francês

1.º ANNO

(Em tudo que fôr applicavel á lingua franceza, serão aproveitadas as noções de grammatica geral e de grammatica historica, recebidas das cadeiras de portugües e latim.)

PARTE PRÁTICA

Fôrma oral:

Estudo da phrase e construcções idiomáticas.
Prática das conjugações.
Conversaão; reproducção do lido e do ouvido; composiçãõ
Declamação.

Fôrma escripta:

Dictado; reproducções, composições.

PARTE THEORICA

I

Phonologia.

II

Morphologia. Partes do discurso.

- a) Substantivo; flexão de genero, numero e gráus de significação.
- b) Adjectivo; flexão de genero, numero e gráus de significação.
- c) Artigo; elisão; contracção. Adjectivos determinativos.
- d) Pronome. Suas divisões.
- e) Verbo. Especies; conjugações auxiliares. Irregulares.

III

Partes invariaveis do discurso.

- a) Adverbio e locuções adverbias.
 - b) Preposição e locuções prepositivas.
 - c) Conjunctão e locuções conjunctivas.
- Interjeição.

Nota. — A lingua fallada em aula será a franceza.

2.º ANNO

(Em tudo o que fôr applicavel á lingua franceza, serão aproveitadas as noções de grammatica geral e historica, recebidas das cadeiras de portuguez e latim.)

PARTE PRÁTICA

Fôrma oral:

Estudo de phrases: proposições simples e compostas.
Influencia de certas categorias invariaveis do discurso sobre as proposições subordinadas. Correlação de tempos nos verbos. Conversaão, reproducção do lido e ouvido, composiçãõ, declamação.

Fôrma escripta:

Dictado; reproducções, composições.

PARTE THEORICA

I

Recapitulação das materias do anno anterior.

II

Syntaxe lexica. Relações das palavras entre si. Elementos principaes da proposição. Construcção franceza: regencia, concordancia.

III

Syntaxe logica. Relações de coordenação e de subordinação das proposições entre si. Idiotismos da lingua.

IV

Estudo das partes variaveis do discurso:

- a) Artigo: seu uso, sua suppressão. Partitivo.
- b) Substantivo: particularidades de alguns substantivos. Plural dos nomes proprios e compostos.

- c) Adjectivo: collocação e concordancia dos qualificativos. Determinativos: seu emprego.
- d) Pronome pessoal, collocação e repetição. Emprego de *le, lui, en, y.*
- e) Verbo: concordancia. O gallicismo *c'est*. Modos e tempos. Correlação de tempos.
- f) Participios: presente e passado — diversos casos de concordancia.
- g) Observações geraes sobre a syntaxe das partes invariaveis do discurso.

V

Noções de litteratura franceza.

4.^a Cadeira

Inglês

III ANNO

PARTE THEORICA

- Noções de phonologia inglesa.
- Syllabação do lexico, divisão das syllabas.
- Etymologia do substantivo.
- Regras para a formação do plural.
- Regras para indicar o genero.
- Casos do substantivo, o possessivo de pessoa.
- Pronomes pessoaes, seus casos e fórmás.
- Pronomes relativos, interrogativos e indefinitos.
- Adjectivos, seus graus e invariabilidade, excepções.
- Adjectivos, modos de formar o comparativo e o superlativo.
- Adjectivos irregulares e defectivos nos graus.
- Verbos, conjugações forte e fraca.
- Verbos auxiliares de tempo; voz e fórmula.
- Os verbos defectivos *can, may, shall, will, must* e *ought*.
- Os verbos transitivos e intransitivos.
- Vozes do verbo em inglês.
- Modos, tempos, usos ingleses para a preposição depois do verbo.
- Preposição simples e composta, seu valor e sentido.
- Conjunção, seu emprego.

PARTE PRATICA

- Phrases escriptas, lidas e traduzidas em voz alta.
- Dialogos entre o professor e os alumnos.
- Breves dictados graduados.
- Exercicios epistolares, convites, etc.
- Dictados e leituras de trechos poeticos.
- Versão de trechos facéis.
- Os alumnos devem falar inglês na aula sendo a grammatica deduzida dos exercicios pelo professor, e da leitura do livro adoptado.

IV ANNO

PARTE THEORICA

- Recapitulação das materias de 3.^o anno.
- Syntaxe do substantivo.
- Syntaxe do adjectivo.
- Syntaxe do pronome.
- Syntaxe do verbo.
- Syntaxe do adverbio.
- Syntaxe das preposições e conjunções.
- Analyse grammatical e logica.
- Prosodia, medição de versos.
- Paraphrases.
- Origem da lingua inglesa.
- Noções de Litteratura.

PARTE PRATICA

- Leitura classica gradual.
- Recitação de poesias.
- Composição sobre assumptos diversos.
- Correspondencia commercial e familiar.
- Dialogos oraes e escriptos sobre varios assumptos.
- Versões de trechos dictados.

5.^a e 6.^a Cadeiras

Mathematica — Arithmetica

- 1 A Mathematica em geral, seu objecto, suas relações com as outras sciencias.
- 2 Constituição didactica da Mathematica, seus methodos. O calculo arithmetico e o calculo algebrico, caracteres distinctivos.
- 3 Grandeza, unidade, numero. Theoria geral da numeração.
- 4 Theoria geral da *combinação dos numeros*: operações fundamentaes e operações elementares da Arithmetica. Adição, subtração, multiplicação, divisão, potenciação e radiciação dos numeros inteiros
- 5 Noção elementar dos logarithmos, considerados como expoentes da base do systema usual. Taboas de logarithmos, sua disposição.
- 6 Theoria das fracções decimaes.
- 7 Systema metrico decimal, conversões.
- 8 *Propriedades dos numeros*: theorias da divisibilidade, do maximo divisor commum, dos numeros primos e do minimo multiplo commum.
- 9 Theoria das fracções ordinarias.
- 10 Conversão dos fracções decimaes em ordinarias e vice-versa. Dizimas periodicas, principios relativos aos limites das mesmas.
- 11 Complexos: conversões e operações.
- 12 Razões, equidiferenças e proporções; principios relativos ás mesmas.

- 13 Regra de tres simples e composta.
- 14 Regra de juros simples, seus methodos.
- 15 Regra de desconto.
- 16 Regra de divisão proporcional; porcentagem.
- 17 Regra de sociedade.
- 18 Regra de cambio e regra conjuncta.
- 19 Theoria das progressões, principios relativos ás mesmas.
- 20 Theoria elementar dos logarithmos, considerados como termos de uma progressão. Systemas principaes. Taboas usuaes, sua descripção e manejo.

21 Applicaçào dos logarithmos ás questões de juros compostos, annuidades, amortizações, debentures etc.

22 Espirito e orientação geral do ensino da Arithmetica no curso primeiro e secundario.

Exercícios praticos: — Applicaçào das theorias estudadas á resolução de questões de uso corrente.

Marcha de ensino — No 1.º semestre, 2 aulas por semana; no 2.º semestre, uma aula.

Algebra

1 O calculo em geral; calculo dos valores (arithmetico) e calculo das relações (algebrico), seus caractéres distinctivos.

2 Noção elementar de equação. Signaes representativos dos numeros, de suas relações e de suas combinações. Numeros positivos e negativos. Terminologia algebrica. Termos semelhantes, sua reduçào.

3 Addição e subtracção algebrica.

4 Multiplicaçào e divisão algebrica, casos notaveis.

5 Potenciação e radiciação algebrica. Quadrado e raiz quadrada dos monomios e polynomios.

6 Factoração dos polynomios. Divisão de um polynomio inteiro por um binomio do 1.º gráu.

7 Fracções algebricas — theoria elementar do maximo divisor commum, suas applicações.

8 Fracções algebricas — theoria do minimo multiplo commum, suas applicações.

9 Fracções algebricas — estudo das 6 operações elementares.

10 Igualdade, identidade, desigualdade, equação. Classificação das equações, theoremas geraes sobre as mesmas.

11 Equações do 1.º gráu a uma incognita, sua resolução.

12 Problemas que se resolvem pela Algebra, sua traducção em equações.

13 Systemas de equações simultaneas a duas e mais incognitas. Processos de eliminacão. Regra de Crammer. Formulas geraes para a resolução das equações.

14 Problemas que dão lugar a systemas de equações simultaneas.

15 Problemas dos correios, sua discussão.

16 Theoria das quantidades negativas.

17 Problemas indeterminados.

18 Desigualdades.

19 Equação do 2.º gráu, sua classificacão. Resoluçào da equação incompleta. Resoluçào da equação completa e discussão da fórmula geral.

20 Propriedades do trinomio do 2.º gráu. Relações entre os coefficients e as raizes de uma equação completa do 2.º gráu.

21 Systemas de equações simultaneas do 2.º gráu a duas incognitas: resolução dos casos mais simples; equações biquadradas.

22 Permutações, arranjos e combinações-

23 Binomio de Newton.

24 Maxima e minima — theoria elementar.

Marcha do ensino: No 1.º semestre uma aula por semana; no 2.º semestre duas.

O ensino deverá ser theorico e pratico ao mesmo tempo. Assim, de par com o desenvolvimento dos 4 primeiros pontos, que constituem uma revisào da materia do exame de admissào, os alumnos serão iniciados no estudo pratico da resolução das equações, e em exercicios apropriados, para traduzir os problemas nas equações correspondentes.

Geometria

1 A Geometria em geral, seu objecto, suas relações com os outros ramos da Mathematica.

2 Constituiçào didactica da Geometria, seus methodos. Bases logicas da Geometria.

3 Caracteres distinctivos da Geometria e da Trigonometria.

4 Theoria das perpendiculares e obliquas. Angulos, sua classificacão e propriedades.

5 Triangulos em geral, sua classificacão. Theoremas de Thales e seus corollarios.

6 Igualdade dos triangulos em geral. Igualdade dos triangulos rectangulos e isosceles.

7 Theoria das paralellas.

8 Polygonos em geral, sua classificacão. Theoremas relativos aos angulos. Polygonos regulares.

9 Avaliaçào das areas polygonaes.

10 Noção de figuras iguaes, figuraes equivalentes e figuras semelhantes. Theoria da similhaça dos triangulos e dos polygonos em geral.

11 Addição e subtracção de dois rectangulos, dois quadrados, duas figuras similhaes quaesquer. Theorema de Pythagoras, seus corollarios. Calculo da area de um triangulo em funcção do perimetro.

12 O circulo. Applicaçào dos arcos á medida dos angulos. A circumferencia em suas relações com a linha recta.

13 Avaliaçào das areas circulares.

14 Comparaçào dos circulos.

15 Medida dos angulos formados por duas cordas, duas seccantes, duas tangentes, uma seccante e uma tangente, etc. Propriedades destas diversas linhas.

16 Polygonos regulares inscriptos e circumscriptos. Avaliaçào dos lados de um polygono regular.

17 Medida da circumferencia. Calculo de π .

18 Rectas e planos.

- 19 Angulos diedros, sua medida. Angulos polyedros.
 20 Polyedros em geral, sua classificação. Polyedros regulares, seu numero.
 21 Quadratura e cubatura dos polyedros.
 22 Corpos redondos, sua quadratura e cubatura.
 23 Estudo elemental da ellipse.
 24 Estudo elemental da hyperbole.
 25 Estudo elemental do parabola.
 26 A helice.
 27 Espirito e orientação geral do ensino da Geometria no curso primario e no curso secundario.

Exercicios praticos: Applicação das theorias estudadas á questões de rectificação, quadratura e cubatura.

Marcha do ensino: No primeiro semestre, 3 aulas de geometria por semana, até ficar exgotada a materia do 10.º ponto (semelhança dos triangulos). Dahi por diante, duas aulas de geometria e uma de trigonometria.

Trigonometria

- 1 Objecto da Trigonometria, sua divisão. Confronto entre a resolução graphica e a resolução numerica de um triangulo.
- 2 Funções trigonometricas e linhas trigonometricas.
- 3 Formulas fundamentaes da trigonometria rectilinea, sua deducção.
- 4 Applicação destas formulas ao calculo das funções trigonometricas dos angulos de 30°, 45° e 60°.
- 5 Relação entre os elementos de um triangulo rectangulo.
- 6 Resolução algebraica dos triangulos rectangulos. Resolução numerica dos mesmos triangulos.
 - a) pelas taboas das linhas trigonometricas naturaes;
 - b) pelas taboas de logarithmos.
- 7 Problemas cuja solução póde ser obtida mediante a resolução de um triangulo rectangulo.
- 8 Resolução de um triangulo isóceles.
- 9 Variação das linhas trigonometricas nos diversos quadrantes.
- 10 Propriedade dos arcos complementares e dos arcos supplementares.
- 11 Relação entre os elementos de um triangulo qualquer; lei dos senos, lei dos cosenos e lei das tangentes.
- 12 Resolução dos triangulos obliquangulos.
- 13 Problemas cuja solução depende da resolução de um triangulo obliquangulo.
- 14 Avaliação da area de um triangulo pela Trigonometria.
- 15 Applicação da Trigonometria á resolução de diversas questões de Cosmographia e Mecanica.

Marcha do ensino

V. o programma de Geometria.

7.ª Cadeira

Physica e Chimica

PRELIMINARES

- 1
Posição encyclopedica, definição e divisão da physica.
- 2
Materia, phenomeno, lei, hypothese e theorias physicas.
- 3
Propriedades da materia. Applicações.
- 4
Noções geraes sobre forças. Composição e decomposição de forças concurrentes e parallelas.
- 5
Momento em geral. Momento da resultante de forças concurrentes e parallelas.
- 6
Movimento em geral. Movimento rectilineo unifórme e unifórme-mente variado.
- 7
Gravidade. Centro de gravidade das linhas, das superficies e dos volumes.
- 8
Peso absoluto, relativo e especifico. Séries de pesos.
- 9
Equilibrio de um solido sujeito á acção da gravidade e supportado por obstaculos fixos.
- 10
Machinas simples: alavancas, balança, roldana, sarilho e plano inclinado.

11

Queda dos corpos e suas leis. Demonstrações experimentaes.

12

Pendulo, suas leis e applicações.

13

Força centrífuga, deducção da fórmula, leis e applicações.

Barologia

14

Propriedades dos liquidos submettidos á acção da gravidade. Principio de Pascal e de Archimedes; suas applicações.

15

Densidade de solidos e de liquidos.

16

Capillaridade. Lei de Jurin. Osmose e diffusão. Applicações.

17

Propriedades dos gazes em equilibrio. Atmosphaera; pressão atmospherica. Barometros e suas applicações.

18

Compressibilidade dos gazes. Principio de Mariotte. Manometros e suas applicações.

19

Bombas, balões, aerostatos e suas applicações.

Sonologia

20

Produção, propagação, velocidade e reflexão do som e suas leis. Eco simples e multiplo.

21

Refracção e difracção do som. Qualidade do som. Vibrações e suas leis. Demonstrações experimentaes.

22

Voz falada e cantada do homem e da mulher. Phonographo.

Thermologia

Cinematographo

23

Dilatação dos corpos. Applicações.

24

Densidade dos gazes. Modificações exercidas pelo calor na densidade dos corpos.

25

Thermometros. Escalas thermometricas.

26

Mudança de estados physicos. Applicação á hygiene e a agricultura.

27

Phenomenos meteorologicos produzidos pela condensação do vapor d'agua da atmosphaera. Molimentos geraes da atmosphaera.

28

Propagação do calor. Aquecimento das abitacoes. Applicações ás industrias e á hygiene.

29

Noções geraes sobre machinas a vapor.

Photologia

30

Propagação, velocidade e intensidade da luz. Photometros. Sombra e penumbra.

31

Reflexão da luz e suas leis. Espelhos

32

Refracção da luz e suas leis. Lentes.

33

Dispersão da luz. Prismas. Espectros. Cores simples, compostas e complementares.

34

Noções geraes sobre photographia.

35

Instrumentos opticos. Microscopio simples e composto.

Electrologia

	36
Noções fundamentaes sobre magnetismo. Bussolas e suas applicações.	
	37
Noções fundamentaes sobre a electricidade estatica. Inducção electrica.	
	38
Machinas electricas. Efeitos da electricidade. Para-raios.	
	39
Noções fundamentaes sobre electricidade dynamica. Pilhas electricas.	
	40
Noções geraes sobre o electro-magnetismo. Machinas magneto-electricas e dynamos electricos.	
	41
Telegraphia e telephonia	
	42
Motores electricos. Força e luz electrica.	
	43
Raios cathodicos e raio X. Radio-actividade. Corpos radioactivos.	

Chimica**PRELIMINARES**

	44
Posição encyclopedica, definição e divisão de Chimica.	
	45
Corpos simples e compostos. Phenomenos chimicos. Mistura e combinação. Analyse e synthese.	
	46
Equivalentes, peso atomico e peso molezular.	
	47
Noção dos corpos simples e compostos.	

	48
Nomenclatura e notação chimica.	
	49
Leis chimicas em relação ás massas e aos trabalhos de afinidade.	
	50
Radicaes simples e compostos.	
	51
Acidos, bases e saes.	
	52
Reacções chimicas. Leis de Bertholet.	
	53
Typos chimicos Interpretação das isomerias. Dissociação. Problemas de chimica elementar.	
	54
Classificação dos corpos simples e compostos.	

Estudo dos metalloides

	55
Estado natural, meios de obtenção, propriedades phisicas e chimicas, caractéres analyticos e applicações do hydrogeno e chloro.	
	56
Idem, idem do carbonio e silicio.	
	57
Idem, idem do oxigeno, ozona e enxofre.	
	58
Idem, idem de azoto e phosphoro.	
	59
Acido chlorhydrico, sulfurico e azotico.	
	60
Chloreto de sodio; sulphureto de carbonio; azotato de potassio e azotato de sodio; applicações.	

61

Agua em geral. Agua de constituição, de interposição e de chrysalisação.

62

Agua potavel: Aguas mineraes e suas applicações.

63

Agua oxigenada e suas applicações.

64

Ar atmospherico e suas applicações nos tres estados physicos.

Estudo dos metaes

65

Considerações geraes sobre os metaes usuaes, seus minereos e applicações ás artes e ás industrias.

66

Ammonium e seus compostos.

67

Ligas e amalgamas e suas applicações.

Compostos organicos

68

Noções fundamentaes sobre os compostos organicos.

69

Classificação dos compostos organicos. Series homologas, isologas e heterologas.

70

Grupos funcionaes. Nomenclatura dos compostos organicos.

8.^a Cadeira

Historia Natural e Hygiene

1 Definição e divisão da Historia Natural. Classificação e divisão dos corpos naturaes em reinos. Distincção entre os seres vivos e brutos e entre animaes e vegetaes.

Anatomia e Physiologia

- 2 A vida, suas fórmãs e condições.
- 3 Cellula animal e suas propriedades. Multiplicação das cellulas. Tecidos.
- 4 *Systema osseo* — Estructura e composição chimica do osso. Descripção do esqueleto humano. Articulações.
- 5 *Systema muscular* — Musculos estriados e lisos. Propriedades da fibra muscular. Principaes musculos.
- 6 *Systema nervoso* — Cellula e fibra nervosa. Centros nervosos, nervos e ganglios nervosos. Funções do systema nervoso.
- 7 *Apparelho digestivo* — Descripção e função do tubo digestivo e dos organs annexos. Alimentos.
- 8 *Apparelho circulatorio* — Descripção e função do aparelho circulatorio. Sangue e Lympha.
- 9 *Apparelho respiratorio* — Descripção e função do aparelho respiratorio. Cubagem dos locaes. Asphyxia.
- 10 Descripção e função dos rins. Assimilação. Queimas organicas. Calor animal.
- 11 Sentidos do tacto, gosto, olphato, visão e audição.
- 12 Larynge. Phonação.

Zoologia

- 13 Classificação do reino animal. Sub-reino dos metazoarios e dos protozoarios.
- 14 Caractéres geraes dos artiozoarios e respectiva divisão em ramos e classes. Caractéres geraes de cada classe. Principaes especies.
- 15 Idem dos phytozoarios.
- 16 Idem dos protozoarios.
- 17 Noções sobre transformismo e sobre a distribuição geographica dos animaes.

Botanica

- 18 Cellula vegetal, tecidos e organs.
- 19 Morphologia e physiologia da raiz.
- 20 Morphologia e physiologia do caule.
- 21 Morphologia e physiologia da folha.
- 22 Phenomenos geraes da nutrição vegetal.
- 23 A flôr em geral. Inflorescencia. Estudo particular de cada verticillo floral. Função da flôr.

- 24 Formação e classificação dos fructos.
 25 Semente; disseminação e germinação.
 26 Reprodução dos cryptogamos vasculares e cellulares.
 27 Classificação dos vegetaes
 28 Noções sobre as classes mais importantes dos cryptogamos cellulares e vasculares.
 29 Noções sobre as principaes familias dos phanerogamos.

Mineralogia

- 30 Noções sobre os crystaes. Crystalização. Systemas crystallographicos.
 31 Caracteres geraes dos mineraes.
 32 Principaes especies mineralogicas.

Geologia

- 33 Noções de physiographia.
 34 Noções de lithologia.
 35 Noções de geodynamica.
 36 Noções de geohistoria.

Hygiene

- 37 Molestias infecciosas.
 38 Sólo, agua, ar e luz.
 39 Alimentos e alimentação.
 40 Bebidas artificiaes. Alcoolismo.
 41 Hygiene individual e social. Trabalho e repouso.
 42 Hygiene do vestuario.
 43 Hygiene da habitação.

Noções de Agricultura, Zootechnia e Hygiene

Agricultura

Objecto e divisão da agricultura; sua historia e importancia.

- a) Agronomia:
 a) Geogenia agricola:
 I Sólo e sub-sólo, sua origem e formação.
 II Elementos e ingredientes agricolas do sólo.
 III Rochas, sua classificação e desagregação.
 IV Sólidos de formação local e de alluvião.
 b) Geognosia agricola:
 I Propriedades do sólo agricola, relação entre a vegetação e o sólo, esterilidade e fertilidade.
 II Classificação e analyse do sólo.
 c) Geotechnia agricola:
 I Preparo e correção do sólo.
 II Intrumentos e aparelhos da lavoura.

III Adubação. Classificação, distribuição e antagonismo dos adubos; leis da adubação.

- b) Zootechnia geral:
 I Leis geraes. Selecção.
 II Individualidade e variações. Lei das correlações.
 III Hereditariedade. Gymnastica funcional.
 IV Alimentação e forragens. Rações equilibradas.
 c) Technologia geral:
 I O vegetal e seus orgams.
 II Reprodução natural e artificial das plantas.
 d) Phytotechnia:
 I Floricultura e horticultura.
 II Cultura do café, da canna, do arroz, do milho, do feijão, do algodão, etc.
 III Calendario agricola e insectos nocivos e uteis.
 e) Zootechnia especial:
 I Criação de bovinos, suinos, gallinaceos etc.
 II Hygiene da alimentação, das habitações e da pelle dos animaes domesticos.
 III Noções de veterinaria. Molestias dos orgãos da locomoção, dos aparelhos e da pelle.
 f) Technologia especial:
 Beneficiamento dos productos agricolas; preparo do café, do assucar, da farinha, dos oleos, do couro, do sabão, etc.
 g) Economia rural:
 Noções de Economia Rural.

9.ª Cadeira

Geographia, Chorographia do Brasil e Cosmographia

- A) PROLEGOMENOS:
 1 Objecto e divisão da Geographia.
 2 Objecto e divisão da Astronomia.
 3 A Terra: sua fôrma e movimentos, seus circulos, linhas e pontos. Continentes e oceanos. Latitude e longitude terrestres.
 4 Atmosphaera e meteoros; correntes aéreas e oceanicas. Marés.
 5 Parte liquida da Terra; formação das fontes e dos deltas.
 6 Parte solida da Terra; formação das montanhas e dos vulcões.
 7 Cartographia; escala e diagramma.
 B) COSMOGRAPHIA:
 1 O céo; divisão dos astros, classificação das estrellas; circulos, linhas e pontos da esphaera celeste; coordenadas celestes.
 2 Movimento geral do céo ou rotação terrestre; diferentes especies de dias e determinação da altura do polo.
 3 Movimentos parciaes do céo; movimento annual do sol ou trans-

lação terrestre; obliquidade da ecliptica, estudo das estações e direcção da gravidade. Calendario.

4 Variações e medida da latitude; theoria astronomica dos climas e influencia mesologica

5 Variações e medida da longitude; fusos horarios, hora convencional e classificação dos terricolos.

6 Gnomonica; traçado da meridiana e relogios solares.

7 Medidas horarias e angulares; lunetas, retilculos, vernier, sextante, theodolito e equatorial.

8 Refracção astronomica e parallaxe; reflexão e theoria do crepusculo.

9 Forma, distancia e grandeza dos astros interiores, especialmente do sol e da lua.

10 Movimento dos astros interiores, especialmente do sol e da lua; eclipses.

11 Cometas, estrellas cadentes e bólidos.

12 Bandeira Nacional.

c) GEOGRAPHIA ESPECIAL DO BRASIL:

I) Estudo de cada estado do Brasil, do Districto Federal e do Territorio Nacional do Acre, com os seguintes detalhes:

a) *Descripção physica:*

- 1 Limites, superficie, aspecto geral e clima.
- 2 Bahias e portos.
- 3 Ilhas e cabos.
- 4 Montanhas, rios e lagos.

b) *Descripção politica:*

- 1 População, capital e cidades principaes.
- 2 Agricultura, commercio e industria.
- 3 Instrucção publica.
- 4 Vias de communicacão.

II) *Descripção geral do Brasil:*

- 1 Posição, limites, superficie, aspecto geral e divisão.
- 2 Estudo do littoral.
- 3 Orographia e potamographia.
- 4 População, religião e governo.
- 5 Commercio, portos commerciaes e industria agricola, extrativa etc.
- 6 Vias de communicacão e immigração.

D) GEOGRAPHIA GERAL:

a) *Geographia physica e politica da America do Sul, comprehendendo:*

- 1 Situação, superficie, divisão em paizes, aspecto geral e clima.
- 2 Oceanos, mares, golfos, bahias e estreitos.
- 3 Ilhas, peninsulas, istmos e cabos.

4 Montanhas, vulcões, planaltos e planicies.

5 Bacias, linhas de divisão das aguas, rios e lagos.

6 População, linguas, governos e religiões.

7 Industria, commercio e vias de communicacão.

8 Estudo dos principaes paizes.

b) *Geographia physica e politica da America do Norte, comprehendendo identicos detalhes:*

c) *Geographia physica e politica da Europa, comprehendendo identicos detalhes.*

d) *Geographia physica e politica da Asia, Africa e Oceania, comprehendendo os mesmos detalhes, porém menores*

NOTA: — O ensino da Astronomia será ministrado mediante o manejo do globo celeste e acompanhado de aulas nocturnas, em que o céu será directamente observado. Serão apresentados problemas graphicos e numericos.

O ensino da Geographia será feito pelos mappas-mudos e seguido de exercicios praticos de Cartographia.

10.ª Cadeira

1.ª) Historia da Civilisação

NOÇÕES PRELIMINARES

I

Historia: noção, objecto, divisão, posição que deve occupar no quadro geral das sciencias. Methodos historicos. Fontes historicas. Sciencias auxiliares da historia.

II

Elementos modificadores da historia: factores mesologicos. Raças humanas. Religiões. Organisação social.

III

A prehistoria. Periodos da civilização prehistorica.

Civilisação Antiga

ANTIGUIDADE ORIENTAL

I

Principaes factos relativos á civilisação e á historia dos povos do Oriente: egypcios, assyrios, babylonicos, phenicios e hebreus.

II

Idem dos iranianos, hindús e chinezes.

ANTIGUIDADE CLASSICA

III

Principaes acontecimentos da historia grega: tempos primitivos, tempos heroicos, tempos legislativos, hegemonias spartana, atheniense, thebana e macedonica, submissão da Grecia aos romanos. Civilização hellenica.

IV

Idem da historia romana: a realeza, a republica e o imperio. Civilização romana.

V

O Christianismo: origens e propagação.

Civilização Medieval

I

Migrações e invasões dos barbaros. Os germanos: costumes primitivos e conversão ao Christianismo.

II

O Imperio Bysantino e sua civilização.

III

O Islamismo e sua propagação.

IV

Os Arabes, sua civilização. Conquistas e influxo no occidente.

V

Carlos Magno e o seu imperio.

VI

O Feudalismo, suas causas e resultados.

VII

A Egreja na edade média: sua organização e reformas. Lutas com o poder temporal.

VIII

As Cruzadas, suas causas e consequencias.

IX

As cidades livres da edade média.

X

Instituições da Inglaterra: a Magna-Carta, o Jury, o Habeas-Corpus e o Parlamento.

XI

A Allemanha imperial.

XII

A constituição das monarchias modernas.

XIII

Invasão turca: tomada de Constantinopla. Civilização medieval: cultura artistica, litteraria e scientifica.

Civilização Moderna

I

As grandes invenções. Descobrimientos maritimos. Descoberta da America e do Brasil.

II

A Renascença

III

O schisma protestante. Reacção catholica. Causas e consequencias.

IV

O estabelecimento dos Governos absolutos na Europa. Reinado de Luiz XIII e Luiz XIV em França.

V

A entrada dos slaves na politica geral da Europa. A Russia: Pedro, o Grande, e Catharina II.

VI

A monarchia prussiana. Rivalidades com a Austria: as duas guerras dos 7 annos.

VII

A vida internacional nos tempos modernos. A diplomacia e o direito das gentes.

VIII

Revoluções inglezas nos seculos XVII e XVIII. O regimen parlamentar.

IX

Systemas de colonisação empregados na America pelos inglezes, hollandezes, francezes, hespanhóes e portuguezes.

X

A independencia americana. Causas e consequencias.

XI

A civilisação na idade moderna: cultura artistica, litteraria e scientifica (seculos XVII e XVIII).

Civilisação contemporanea

I

Revolução franceza de 1789

II

Os governos constitucionaes na Europa.

III

Unificação das nacionalidades.

IV

A questão do Oriente no seculo XIX.

V

Refôrmas sociaes: a democracia; a abolição da escravidão; o socialismo e o anarchismo.

VI

As sciencias, as letras e as artes no seculo XIX.

VII

A transformação e o desenvolvimento da industria e do commercio no seculo XIX.

VIII

A expansão européa na America, na Asia, na Africa e na Oceania.

IX

Caractéres geraes da civilização contemporanea.

2.º Historia do Brasil

INTRODUÇÃO

Os conhecimentos geographicos na época do descobrimento do Brasil.

TEMPOS COLONIAES

I

Descobrimto do Brasil e as principaes duvidas a respeito: a) quanto ao descobridor; b) quanto a casualidade da descoberta; c) quanto á data.

II

Principaes explorações do littoral brasileiro.

III

Dos habitantes do Brasil ao tempo do seu descobrimento. Noções geraes sobre sua origem, raças, usos e costumes.

IV

Systemas de colonisação do territorio brasileiro: a) nucleos coloniaes; b) capitancias hereditarias.

V

O governo geral; sua organização. Primeiros governadores.

VI

A colonisação do norte, do centro e do sul.

VII

Ação dos jesuitas no Brasil.

VIII

As invasões estrangeiras no territorio brasileiro.

IX

As entradas e as bandeiras. A escravidão dos indios e a procura das minas.

X

O Marquez de Pombal; influencia de sua administração no Brasil.

XI

Origem e formação da nacionalidade brasileira.

XII

Inconfidência mineira. Tiradentes.

XIII

Transmigração da família real portugueza para o Brasil; causas e consequencias.

XIV

A revolução de 1820 em Portugal e seus effeitos no Brasil. Regresso de d. João VI.

XV

A regencia de D. Pedro. Independencia do Brasil.

TEMPOS MONARCHICOS

XVI

Reinado de D. Pedro I.

XVII

A Assembléa Constituinte e a Carta Constitucional de 1824.

XVIII

Campanha da Cisplatina.

XIX

Abdicação de D. Pedro I.

XX

Menoridade de D. Pedro II. As duas regencias trinas e as duas unas.

XXI

Maioridade de D. Pedro II.

XXII

Guerra do Paraguay.

XXIII

Abolição da escravidão.

TEMPOS REPUBLICANOS

XXIV

A proclamação da Republica. Governo Provisorio.

XXV

A Constituição de 24 de Fevereiro de 1891.

XXVI

Principaes factos occorridos sob o regimen republicano (1891-1910). Lutas politicas e consolidação da Republica. O pacifismo. A restauração financeira. A integração do territorio nacional e o saneamento e embelezamento da Capital do Paiz. A estabilidade cambial e o desenvolvimento das vias ferreas.

11.^a e 12.^a cadeiras**Psychologia, Pedagogia e Educação Civica**1.^o ANNO

1

A concepção da psychologia experimental; estados de consciencia e a continuidade do eu. A formação da psychologia scientifica, mediante methodos convenientes.

2

Relações da consciencia com o systema nervoso; funções do cerebro; localizações cerebraes, parallelismo psycho-physico.

3

A visão: seu organ, seu excitante proprio e acção do excitante sobre o organ; sensações resultantes. Diferenças individuaes e anomalias.

4

A audição; seu organ, seu excitante proprio e acção do excitante sobre o organ; sensações resultantes. Diferenças individuaes e anomalias.

5

O tacto e demais sentidos da pelle; organs e excitantes apropriados sensações resultantes. Diferenças individuaes e anomalias.

6

O muscular; seu organ, seu excitante conveniente. Sentidos este-reognostico e barico. As sensações musculares puras, e as associadas a sensações de outros sentidos. Acção dynamogenica. Variedades individuaes e anomalias.

7

O olfacto e o gosto; orgams e excitantes proprios, acção dos excitantes sobre os orgams; sensações resultantes. Diferenças individuaes e anomalias.

8

Condições geraes da actividade nervosa. Tempos de reacção.

9

O habito; suas condições cerebraes; seu mecanismo. Sua evolução acquisitiva. Suas consequencias praticas.

10

A emoção; seu principio fundamental e suas variedades. Diferenças individuaes e anomalias.

11

Instincto; o em que differe da emoção. A coesistencia dos instinctos contrarios e a sua successão no crescimento da criança. Variedades individuaes e anomalias.

2.º ANNO

Apanhado geral sobre a materia estudada no anno anterior.

12

A attenção; suas condições physiologicas e suas especies. Attenções simultaneas. Typos individuaes. Caracteres da attenção infantil.

13

A associação; seu principio physiologico fundamental. Ideações espontaneas e ideações voluntarias. Typos de associação. Caracteres da associação infantil.

14

A linguagem; seu mecanismo e seus defeitos. Sua formação na criança.

15

A memoria; suas condições physiologicas; seu mecanismo. Condições de uma boa memoria. Typos mnemonicos. Caracteres da memoria na criança.

16

A imaginação. A reproductora e a memoria.
A criadora; analyse: leis de dissociação; synthese: concepções.
A imaginação nas crianças.

17

A percepção; seu mecanismo. Percepções verdadeiras e percepções illusorias. As bases da verdade scientifica. A percepção em meninos e adolescentes.

18

O raciocinio; seu caracter especifico; seu mecanismo. Diferenças individuaes. A logicidade nas crianças.

19

A vontade; sua condição primeira; acção ideo-motora e acção deliberada. Typos de vontade. Livre arbitrio e determinismo.

20

O caracter; seu mecanismo e suas variações. Diferenças individuaes e anomalias.

21

As vocações individuaes; sua determinação pratica. As aptidões.

22

Noções de psychiatria. Os anormaes.

3.º ANNO

1

A concepção da pedagogia. O ideal educativo e seu parallelismo com a civilização historica. Systemas pedagogicos em harmonia com a finalidade do educação. Subsidios da psychologia, da sociologia, da anthropologia, da hygiene.

2

Noções de anthropologia pedagogica;
a) A historia physiologica e social do educando; leis fundamentaes de hereditariedade; dados biologicos e dados sociaes;

b) O craneo: ossos, medidas e indices; anomalias. Sua evolução. Sua relação com a intelligencia;

c) A face: ossos, medidas e indices; anomalias. Sua relação com o craneo;

d) O thorax: ossos, medidas e o indice vital. Capacidade thoraxica e respiratoria;

e) A circulação: sua influencia nos phenomenos psychicos: rythmo cardiaco e suas variações com a actividade cerebral;

f) A estatura: a grande abertura dos braços. O crescimento physico; suas phases e sua influencia na evolução mental;

g) O peso: seu valor physiologico; sua evolução;

h) Os canones da belleza, ou normalidade physica.

3

Noções de hygiene escolar:

a) A séde da escola: o logar, o clima e o edificio. Condições hygienicas do edificio. Os commodos, suas dimenções; a renovação do ar; a intensidade e a direcção da luz;

b) A mobilia escolar: suas relações com a estatura dos alumnos. Material didactico mais conveniente;

c) A fadiga e a «surmenage» suas causas; suas medidas; sua prophylaxia;

d) Molestias contrahiveis na escola: molestias infecciosas e transmissiveis. Exame medico escolar.

4

A educação physica: jogos infantis e a imitação; passeios, hygiene e gymnastica individualizada. Actividade physica constructiva.

5

A educação intellectual: a posse de conhecimentos e o apuro dos sentidos e das faculdades mentaes.

6

Educação da vista: condições que assegurem a intensidade, nitidez e fidelidade das impressões visuaes. Determinação pratica do grau de acuidade visual em cada alumno. A technica do ensino visual.

7

Educação do ouvido: condições que assegurem a nitidez, intensidade, e exactidão das impressões auditivas. Determinação pratica do grau de acuidade auditiva em cada alumno. A technica do ensino auditivo.

8

Educação motora: condições que assegurem a profundidade, clareza e precisão das impressões motoras. A technica do ensino motor.

9

Educação motora quanto ao poder dynamogenico das sensações. O interesse e suas variações com a idade. O esforço na educação infantil.

10

Educação do gosto e do olfato.

11

A cultura da atenção: as condições que lhe assegurem o desenvolvimento. Determinação pratica de seus graus e variedades em cada alumno. A technica de ensino relativo á atenção.

12

A cultura da memoria: condições que assegurem a nitidez, exactidão e durabilidade das imagens; determinação do typo mnemonico de cada alumno. A technica de ensino em respeito á memoria.

13

A cultura da imaginação criadora: condições que favorecem a associação e dissociação das imagens. Determinação pratica do typo imaginativo em cada alumno. Technica do ensino sobre a imaginação.

14

A cultura do raciocinio: condições que o habituem a orientar-se para a verdade. Determinação pratica do grau intellectual de cada alumno. Technica de ensino sobre o raciocinio.

15

A cultura da percepção: condições de sua normalidade progressiva. Determinação do grau da cultura de cada alumno. Technica do ensino em referencia á faculdade perceptiva.

16

A cultura de linguagem: condições que lhes assegurem o promptidão, riqueza e correcção. O pytaci-smo e a prematuridade do ensino. Technica do ensino no tocante á linguagem.

17

A educação moral: a decoraçao de maximas moraes, e a lei do habito; sancções artificiaes e sancções naturaes; o egoismo e o proximismo; o ideal moral.

- 18
A disciplina das emoções e dos instintos ; inibição de uns e expansão de outros.
- 19
A disciplina da vontade : condições que lhe assegurem o acerto e a constancia das resoluções. Orthopedia da vontade.
- 20
A formação do caracter : a percepção da verdade, o habito do bem e a faculdade do esforço. O exemplo do professor.
- 21
A educação geral e a educação profissional de accôrdo com as aptidões individuaes.
- 22
A educação dos anormaes : o principio da igualdade entre os alumnos da mesma classe. Determinação pratica dos grâus de anormalidades
- 23
Os grâus do ensino : primario, secundario e superior ; propedeutico e profissional. A classificação das escolas e a continuidade do ensino.

4.º ANNO

HISTORIA PHILOSOPHICA DA EDUCAÇÃO

- 24
A educação na Grecia antiga.
- 25
A educação na Roma antiga.
- 26
A educação medieval.
- 27
A educação e a humanidade.
- 28
A educação e a renascença.
- 29
A educação e a reforma.

- 30
A educação e a contra-reforma.
- 31
A educação e o naturalismo.
- 32
A educação e a piedade.
- 33
A educação e o philanthropismo.
- 34
A educação e a revolução fanceza.
- 35
A educação e os tempos modernos.
- 36
A educação no Brasil.

Educação civica

- 1
Concepção da educação civica : a origem da sociedade ; a liberdade e seus limites ; a justiça e o direito. A historia patria, a politico contemporanea e as aspirações nacionaes.
- 2
A soberania : sua origem divina e sua origem humana ; theocracias e democracias.
- 3
A delegação da soberania, o voto e sua abstinencia. A facultatividade e a obrigatoriedade do voto ; as garantias legaes de sua effectividade.
- 4
O Estado e suas formas. Relações internacionaes.
- 5
Fórmes de governo, segundo a concepção da soberania.

6

Fórmulas de república; presidencialismo, parlamentarismo, unitarismo e federação.

7

A lei e a auctoridade; estadismo e caudilhismo militar e civil. A obediencia legal e a responsabilidade. Os direitos fundamentaes do homem.

8

Deveres do cidadão; seu principio fundamental; os principaes deveres civicos.

9

A cooperação da familia nas funções da Escola, e os deveres do Estado na propagação das Escolas. A obrigatoriedade do ensino.

10

A formação do caracter nacional.

13.^a Cadeira

Methodos e processos de ensino, critica pedagogica e exercicios de ensino

3.^o ANNO

METHODOLOGIA GERAL

- 1 Objecto, divisão, importancia e limites da methodologia.
- 2 O ensino em geral. O ensino variando com o meio. O papel educativo e o instructivo do ensino. Norma e conducta do professor.
- 3 O methodo, seu conceito sob o ponto de vista philosophico e sob o ponto de vista didactico. Valor do methodo no ensino.
- 4 Methodos geraes e particulares. Confusão que reina na Pedagogia sobre os chamados methodos de ensino. Nomenclatura corrente para designal-os.
- 5 Bases psychologicas do methodo.
- 6 Processos de ensino. Processos geraes e processos especiaes. Relação dos processos com os methodos de ensino. Processos mentaes correspondentes aos processos de ensino.
- 7 Modos de ensino. Typos de educandos.
- 8 Fórmulas de ensino. Fórmulas fundamentaes e sua correspondencia com os methodos de ensino.
- 9 O ensino primario profissionall e academico. Caracteres distinctivos.
- 10 Materias ensinadas na escola publica. Seu aspecto, limites e ordem. Horario e sua confecção.

METHODOLOGIA ESPECIAL

11 O desenho: fim e importancia do ensino de desenho na escola primaria; methodos e processos de ensino; topographia cerebral e explicações schematicas do trabalho mental; o programma de ensino; material didactico. Bibliographia.

12 A calligraphia: methodos e processos de ensino: systemas de calligraphia, calligraphia vertical e calligraphia inclinada; calligraphia physiologica; topographia cerebral e explicação schematica do trabalho mental; a hygiene da escripta. Vantagens e importancia de uma boa letra. Cadernos - modelo, cadernos em branco, folhas avulsas, ardosias, quadro negro, lapis, caneta e tinta. Programma de ensino e bibliographia.

13 Trabalho manual; o trabalho manual utilitario ou economico e o pedagogico ou educativo. Principios em que se baseia o trabalho manual; topographia cerebral e explicação schematica do trabalho mental. O Slöjd. A agricultura. A arte culinaria.

14 A gymnastica: seu fim e importancia; os diversos systemas de gymnastica; a gymnastica para os normaes e anormaes; topographia cerebral e explicação schematica do trabalho mental; os batalhões escolares. Bibliographia.

15 A musica: seu objecto e valor sob o ponto de vista moral, civico, humanitario e educativo; importancia e fins da musica na escola primaria; a hygiene da musica; criterio a seguir no ensino da musica; topographia cerebral e explicação schematica do trabalho mental. A educação artistica na escola primaria. Programma. Material de ensino. Bibliographia.

PARTE PRATICA

1 Observações sobre lições dadas pelos professores das escolas-modelo. Relatorio dessas observações, bem como do material escolar em uso e de tudo quanto possa concorrer para o bom preparo didactico do alumno.

2 Aulas figuradas.

3 Exercicio de ensino nas classes das escolas-modelo sobre os materias estudadas, com preparação previa das lições.

4 Critica de aulas dadas pelos alumnos, de trabalhos escolares e de methodos e processos de ensino, feita pelo lente e pelos proprios alumnos.

4.^o ANNO

1 Leitura: historico da evolução dos methodos de leitura; processos que se relacionam com esses methodos; exame das cartilhas typicas correspondente aos processos explicados. Topographia cerebral e explicação schematica do trabalho mental. Exame e critica das cartilhas de leitura analytica. A analyse e a syntthese na leitura analytica.

2 A Leitura: sua importancia e fins de seu ensino na escola primaria. A leitura expressiva e a supplementar. Meios de desenvol-

ver o gosto pela leitura. A leitura nas classes primarias; graduação do ensino. Programma.

3 Livros de leitura. Critério para a sua adopção. Critica dos livros de leitura em uso nas nossas escolas.

4 Linguagem: seu objecto e valor. Linguagem oral; methodos, processos e exercicios graduados. Topographia cerebral e explicação schematica dos differentes trabalhos de linguagem oral. Linguagem escripta: methodos e processos e exercicios graduados. Topographia cerebral e explicação schematica dos exercicios de linguagem escripta. A correção dos trabalhos. O ensino da grammatica na escola primaria. Material didactico. Programma. Bibliographia.

5 Arithmetica: objecto e importancia; methodos e processos e exercicios de arithmetica; estudo detalhado do plano de ensino nos diversos annos do curso primario, sob os diversos aspectos. Topographia cerebral e explicação schematica de cada um dos trabalhos mentaes. Material didactico. Bibliographia.

6 Geometria: objecto e valor. Methodos e processo para o seu ensino. A geometria sob a denominação de fórmulas e de geometria propriamente dita. Topographia cerebral e explicação schematica dos trabalhos de geometria. Material didactico. Bibliographia.

7 Geographia: importancia e fins do ensino; methodos e processos para o seu ensino. Exercicios cartographicos: seu objecto e valor; leituras e viagens ficticias. Topographia cerebral e explicação schematica. Material didactico. Programma. Bibliographia.

8 Historia: importancia e fins de seu estudo. Methodos e processos para o seu ensino. A historia alliada á geographia. Topographia cerebral e explicação schematica dos trabalhos da historia. Material didactico. Programma. Bibliographia.

9 Sciencias physicas e naturaes: objecto e importancia de seu ensino; methodos e processos para o seu ensino; topographia cerebral e explicação schematica do trabalho mental determinado por esta disciplina. Museus. Material didactico. Programma. Bibliographia. Applicaçào dos conhecimentos das sciencias physicas e naturaes ao ensino de hygiene. O ensino de agricultura e de zootechnia na escola primaria.

10 Instrucção civica e moral; methodos e processos; importancia, programmas propostos; graduação do ensino nos differentes annos do curso primario.

11 Castigos. Premios. Refeições. Recreio.

12 Analyse e critica dos programmas e regulamentos escolares.

13 Livros de matricula, de chamada, boletins, mappas, etc.

14 Estatistica escolar.

PARTE PRATICA

A pratica pedagogica e os exercicios de ensino serão feitos pelos alumnos a medida que forem explicados os pontos do programma em aulas figuradas e na Escola Modelo.

Aula de Escripuraçào Mercantil

Programma synthetico de um curso elementar e pratico.

1.^a Parte. Preliminares:

- Noções elementares sobre as operações commerciaes mais communs:
- compras e vendas, condições em que podem ser realizadas;
 - recebimentos e pagamentos; idem, idem,
 - negociações de letras.

Parallelamente com a parte expositiva, o professor deverá fazer no quadro negro exercicios relativos a assumptos mercantils. Apresentará modelos de recibos, facturas, contas correntes, letras de cambio, notas promissorias, documentos de deposito, etc., explicando o modo de utilisal-os.

2.^a Parte. Escripuraçào em geral:

Objecto e utilidade da Escripuraçào Mercantil. Distincção entre escripuraçào e contabilidade. Noção de partida em Escripuraçào. Distincção entre as partidas simples e as partidas dobradas.

Parte pratica. Modelo de uma *escripuraçào domestica*. Indicação dos livros que podem ser usados para esse fim. O livro *Caixa*, sua fórma e disposição. Fim deste livro e modo de escripural-o.

3.^a Parte. Partidas simples:

Estudo dos livros que se empregam numa escripuraçào organizada por este systema.

O *Borrador*; sua fórma e disposição. Fim deste livro; sua escripuraçào em ordem chronologica.

Contas Correntes; sua fórma e disposição. Fim deste livro.

O *Caixa*. Revisão e ampliação da parte explicada na 2.^a secção.

Parte pratica. Redacção das partidas simples no *Borrador*, depois dos necessarios exercicios no quadro negro. Essas partidas deverão abranger os principaes casos de compras, vendas, pagamentos e recebimentos. Modo de trasladar para o *Contas correntes* os lançamentos do *Borrador*. O que seja balancear uma conta. Noção de saldo e *deficit*. Fechamento de contas, extracção de contas correntes simples.

4.^a Parte. Partidas dobradas.

Estudo dos livros que se empregam numa escripuraçào organizada, por este systema.

O *Borrador*. Revisão da parte explicada na 3.^a secção.

O *Diario*; sua fórma, disposição e modelos.

O *Razão*; idem, idem.

Livros auxiliares.

Parte pratica. A parte explicada na 3.^a secção com relação ao *Borrador* será ampliada com lançamentos relativos ás negociações de letras (descontos, resgates, refórmulas, devolução por falta de pagamento etc.).

Trasladação para o *Diario* dos lançamentos do *Borrador*. Contas em uso no systema por partidas dobradas. Subdivisão das contas geraes. Formulas a empregar na redacção das partidas. Reconhecimento do devedor e do credor; suas posições respectivas na organisação da partida. Exercicios no quadro negro e no papel modelado, abrangendo os

principaes casos que pôdem apresentar sobre as transacções commerciaes. Lançamento das partidas no *Diario*, com observações sobre a collocação das cifras nas columnas competentes.

Os transportes no *Diario*.

Maneira de trasladar para o *Razão* os lançamentos contidos no *Diario*.

Os transportes no *Razão*.

Estornos no *Diario* e no *Razão*.

Extracção de balancetes mensaes ou de verificação.

Inventario do Activo e Passivo.

Demonstração da conta de Lucros e Perdas.

Encerramento da escripta pelo *Balanço Geral*, e subsequente reabertura das respectivas contas.

5.ª secção. Complementos.

Utilização dos modelos a que se refere a 1.ª secção e estudo das partidas que com elles tenham connexão. Prescripções legaes sobre o *Diario* e o *Copiador de Cartas* e sobre os effeitos de commercio em geral. Abreviaturas commerciaes.

Interpretação dos balanços publicados pelos bancos.

Musica

2.º ANNO

Recapitulação completa do ensino de musica pelo methodo analytico do curso preliminar.

Dictado.

Theoria relativa ás claves e á alterações.

Estudo completo de compasso.

Effeitos do ponto.

Ligadura.

Escala de dó maior e lá menor.

Intervallos maiores e menores; suas inversões.

Solfejos de melodias improvisadas a uma e duas vozes.

3.º ANNO

Recapitulação do programma do segundo anno.

Grupos alterados.

Continuação do theoria dos intervallos.

Consonancias, dissonancias.

Formação das escalas.

Tonalidade.

Transposição.

Exercicios rythmicos e dictado.

Solfejo de melodias improvisadas, a uma e duas vozes.

Desenvolvimento do gosto esthetico. Solfejo. Danhauser n. 6.

Córos a duas e mais vozes.

Accordes e suas inversões.

Resolução dos intervallos appellativos.

Resolução de todas as especies de setima e explicação dos gráus onde elles são empregados.

Harmonisação da escala.

Cadencias perfeitas e imperfeitas, meia cadencia e cadencia de Plagal.

Pequenos baixos cifrados.

Solfejo de melodias improvisadas a uma e mais vozes.

Danhauser n. 6.

4.º ANNO

Recapitulação do programma do terceiro anno.

Noções da historia da notação musical.

Demonstração dos sons resultantes.

Noções de esthetica applicada á musica, comprehendendo fórma, genero e escolas.

Notas biographicas dos fundadores dessas escolas.

Notas biographicas dos musicos celebres, especialmente brasileiros.

Solfejo de Danhauser n. 8 e recordação. Hymnos escolares.

Desenho e Calligraphia

1.º ANNO

DESENHO

1

Cópia de vasos de fórmam simples, com o estudo das linhas que os fórmam.

2

Os mesmos desenhos, invertidos (inclinados), vistos pela base e pela abertura.

3

Estudo de objectos de uso commum ou domesticos, isolados e em conjuncto.

4

Processo pratico para a reproducção fiel de qualquer objecto do natural com as suas proporções.

5

Folhas, folhagens.

6

Flôres e fructas.

2.º ANNO

1

Desenho dos solidos geometricos, isolados ou em conjuncto.

2

Objectos de uso commum e domestico derivados dos solidos.

3

Fructas derivadas das fórmas geometricas.

4

Estudo pratico de prespectiva linear e aérea por meio dos sólidos geometricos.

5

Estudo pratico de sombra, luz, penumbra e reflexos.

6

Vasos isolados e em grupos.

7

Cópia de passaros, aves etc.

8

Flôres, fructas, plantas diversas e folhagens.

3.º ANNO

1

Grupo de objectos com o estudo rigoroso da sombra, penumbra, luz, reflexos e suas prespectivas.

2

Continuação de cópias de flôres, fructas e folhas.

3

Estudo da figura.

4

Animaes, paisagens, ornatos e arabescos.

5

Edificios formados dos solidos geometricos para o estudo da perspectiva linear e arêa;

6

Desenhos de memoria;
Desenhos de imaginação;

7

Escala. Convenções e levantamento de plantas de edificios.
CALLIGRAPHIA VERTICAL — Exercicios de cópia feitos com a mão direita e esquerda. Letra de forma.

8

Noções de claro e escuro.

Desenho a bico de penna e a aquarella

Gymnastica (*secção masculina*)

1.º ANNO

a) Exercicios militares applicaveis á gymnastica: da posição de sentido; do descanso; dos alinhamentos; dos passos; fazer alto; marcar passo; trocar passo; formatura a dois e quatro de frente e de costado; das marchas; das voltas marchando; mudança de frente em linha de pé firme e marchando. Da fila passar em linha.

b) Preliminares de gymnastica: Formaturas diversas para exercicios; tomar distancias e intervallos; formar cadeias; marchas gymnasticas.

c) Gymnastica sueca: Posições fundamentaes dos membros superiores e inferiores; exercicios elementares da cabeça e do tronco; extensão dorsal no aparelho espaldar; exercicios de suspensão com e sem auxilio dos pés; no espaldar, no quadro e na viga; subidas entre os degrãos no quadro; exercicios de equilibrio nos bancos suecos; exercicios de primeiro grão dos musculos dorsaes, abdominaes e lateraes; exercicios de saltos e de respiração; exercicios com pequenos alteres;

d) Gymnastica applicada: Subida com auxilio dos pés em dois páus verticaes. Exercicios de assaltos no espaldar.

e) Jogos escolares.

f) Exercicios de commando.

2.º ANNO

a) Gymnastica sueca: Combinações fundamentaes dos membros inferiores com movimentos dos membros superiores e com os da cabeça e do tronco. Exercicios de segundo grão. Extensões dorsaes no espal-

dar; exercicios de apoio e de suspensão em todos os aparelhos, de equilibrio na viga, de marchas com movimentos dos braços, dos musculos dorsaes no espaldar, dos abdominaes nos bancos succos e dos lateraes no espaldar Saltos applicados nos aparelhos; exercicios de respiração Exercicios com alteres.

b) *Gymnastica applicada*: Exercicios de subida nos páus verticaes. Marchas nos bancos succos applicados no espaldar e na viga.

c) Jogos escolares.

d) Exercicios de commando.

3.º ANNO

a) *Gymnastica sueca*: Exercicios de terceiro gráu; movimentos combinados dos membros superiores com os dos membros inferiores, da cabeça e do tronco. Exercicios de suspensão e de apoio em todos os aparelhos, de equilibrio com posições determinadas; de marchas e corridas com aparelhos, dos musculos dorsaes, abdominaes e lateraes, de saltos com obstaculos. Exercicios elementares com massas.

b) *Gymnastica applicada*: Subidas nas cordas verticaes e obliquas e nas escadas de páu e de cordas.

c) Jogos escolares.

d) Exercicios de commando.

4.º ANNO

a) *Gymnastica sueca* — Parte theorica: Definição, divisão e vantagem do ensino da *gymnastica sueca*. Regras a observar no ensino desta arte. O canto applicado á *gymnastica*. Passos rhythmicos. Da *gymnastica* entre bancos. Das marchas e das corridas. Dos jogos ao ar livre. Da natação. Limite dos exercicios conforme a idade do alumno.

b) *Gymnastica pratica*: — Repetição de todos os exercicios indicados para o primeiro, segundo e terceiro annos. Generalidades sobre a esgrima.

c) Exercicios de commando e lições praticas de *gymnastica*.

Exercicios militares

Exercicios de evoluções militares até a escola de companhia e de tiro de guerra nas tres posições regulamentares, para cuja execução devem-se observar os seguintes detalhes:

Ensino sem arma:

Escolas de soldados, pelotão e companhia, tanto em ordem unida como dispersa; marchas de frente e de costado; passagem de linha para columna e vice-versa; mudança de frente; continencias.

Ensino com arma:

Nomenclatura do fuzil Mauser regulamentar brasileiro; manejo de arma; continencias; exercicios de fogo nas tres posições regulamentares; fogo individual, por pelotão e por companhia; fogo em ordem dispersa e unica; esgrima de bayoneta.

Ensino de tiro:

Exercicio de tiro ao alvo em stand nas tres posições regulamentares e diversas distancias, de modo que o atirador se familiarize com o calculo das distancias e funcionamento da alça de mira.

Gymnastica (secção feminina)

1.º ANNO

Exercicios de fôrma:

Entrada e sahida com ordem da aula.

Determinação dos logares.

Debandar. Formar. Descançar.

Alinhamento á direita ou á esquerda.

Formatura sueca.

Posições e outros movimentos preparativos para estabeler a ordem nas fileiras.

Divisão do commando: definição do commando preventivo e executivo.

Das voltas.

Distancias. Intervallos. Modo de dividir em secções.

Definições de fileira e fila.

Formação de cadeias.

Marcha de uma fila, de duas filas e de quatro filas.

Contra-marcha pelos lados e pelo centro.

Movimento elementares.

Posições fundamentaes.

Movimentos de cabeça. Volsa, inclinação, rotação

Movimentos do tronco. Volta, flexões, rotações, extensões.

Movimentos dos membros superiores. Posições, extensões, rotações, circunda.

Movimentos dos membros inferiores. Posições, extensões e rotações. Jogos escolares Basketball.

2.º ANNO

Recordação do programma do 1.º anno.

Divisão de uma fila em duas.

Divisão de duas filas em quatro.

Transformar uma fila em fileira.

Divisão de uma fileira em tres, quatro, e mais fileiras.

Formação de columnas.

Passos differentes. Variação de direcção. Regras para sua execução.

Marchas circular, espiral sinuosa, com as variações dos passos, com compasso e alinhamentos.

Círculo, semicírculo.

Contra marcha. Conversões.

Movimentos elementares.

Posições iniciaes.

Exercicios elementares dos antebraços, mãos e dedos.

Exercícios dos membros inferiores. Posições, extensões, rotações.
Equilíbrio sobre as pontas dos pés.

Variante do equilíbrio.

Exercícios elementares combinados dos membros superiores com os inferiores.

Exercícios elementares com o aparelho movel:

BASTÃO GYMNASTICO

Posição normal e iniciaes do bastão gymnastico.

Posição, extensões e rotações do bastão gymnastico em posições horizontal, vertical e obliqua. Combinações.

Jogos escolares. Basketball.

3.º ANNO

Repetições de todos os exercicios de fórmula e elementares praticados do 1.º e 2.º annos.

Regras geraes para a boa execução dos exercicios.

Do círculo formar uma cruz.

De duas filas formar um quadrado.

Formatura de um triangulo.

De duas filas formar um rectangulo.

Passo rithmico simples e composto, arrastado, marcado e com movimentos dos antebraços.

Marcha circular e aspiral no rithmo marcado e acelerado.

Combinações dos movimentos elementares.

Combinar movimentos da cabeça com o movimentos do tronco.

Combinar movimentos do tronco com movimentos dos membros superiores.

Combinar movimentos dos membros superiores com movimentos dos membros inferiores.

Executar as quatro circundações dos membros superiores com equilibrio nas pontas dos pés.

Combinar as posições iniciaes com os movimentos do tronco.

Exercícios elementares com o aparelho movel. Altéres.

Posições fundamentaes. Posições, extensões, rotações.

Combinações variadas dos exercicios elementares.

Contra marcha. Jogos. Basketball.

4.º ANNO

Recordação de todos os exercicios no primeiro, segundo e terceiro annos.

Observações para a execução exacta dos exercicios elementares dos membros superiores e inferiores.

Diversas combinações dos exercicios de equilibrio com diferentes movimentos.

Marcha circular formando diversas figuras geometricas: triangulo, quadrado circulo, semicirculo, cruz, estrella, etc.

Combinar movimentos dos membros superiores com os passos rithmicos.
Regras geraes.

Exercícios elementares com o aparelho movel.

Elastico para tracções.

Movimentos combinados com tracções.

Tracções com passos rithmicos.

Executar marchando todos os exercicios com o bastão gymnastico, altéres e elastico para tracções.

Lições praticas.

Jogos escolares. Basketball.

Trabalhos manuaes (Secção feminina)

1.º ANNO

Dobrado. Fórmulas geometricas; fórmulas de objectos usuaes.

Dobrados de fitas de papel.

Tecidos. Trançados de fitas.

Córte e confecção de roupas de creanças com applicação de ponto atrás, posponto, ponto de bainha, alinhavinho, ponto de correr, ponto de cadeia, pontos russos, sobre-costura, franzidos e preguinhas.

Crochet: paletosinhos de lan, sapatinhos e pontos diversos.

Tricot — sapatinhos e amostras simples.

2.º ANNO

Recórte. Cartonagem.

Córte e confecção de roupa de cama e mesa com applicação de bainhas abertas, ponto de marca, casas e caseados.

Córte e confecção de roupa de senhora com applicação de costura inglesa, bordado branco bordado inglês, bordado Richelieu e diversas rendas.

Roupa branca para homem.

Noções de Economia domestica.

3.º ANNO

Serzidos, remendos, concertos de meias.

Bordado branco.

Bordado á seda, seus varios generos.

Bordado á applicação.

Filet.

Macramé.

Pyrogravura e trabalhos á phantasia.

Economia domestica.

Trabalhos manuaes (*Secção masculina*)

MODELAGEM

1.º ANNO

Modelar :

Uma série de fructas,

Corpos geometricos,

Uma série de objectos usuaes.

Cópia de modelos. Estudos da sombra executados em relevo.

Explicações das proporções do corpo humano.

Trabalhos em todos os systemas modernos.

Marcenaria

2.º ANNO

THEORIA

Explicações das ferramentas e o manejo das mesmas.

Modo de trabalhar.

Objecto da marcenaria, das serrinhas e dos tornos.

Ferramentas :

Facas, formões, limas, serrotes, e plainas.

Aplainar, serrar e entallar.

Fabricar pausinhos, ponteiros quadrados e redondos, cunhos, reguas, objectos communs e objectos de uso domestico.

3.º ANNO

Plainas, serras, goivas, puas, vernises, tinta, pyrogravura.

Embutir, pintar, envernisar.

Fabricar objectos uteis, cantoneiras, quadros, mesas, estantes, etc.

Dactylographia e Tachygraphia

4.º ANNO

DACTYLOGRAPHIA

- 1.º Estudar em aula o mappa do teclado.
- 2.º Cópia em aula o mappa do teclado, até que o saiba de cór.
- 3.º Estudar em aula o teclado e o uso de todas as molas e registos da machina, mais usados, decorando os seus nomes. Mudar a fita, limpar a machina e azeital-a.

4.º Fazer um exercicio, usando da terceira ordem do teclado, batendo uma letra e um espaço, até que faça esse exercicio sem olhar para o teclado.

5.º Escrever o alphabeto minuscuro, e depois o maiuscuro, batendo nma letra e um espaço; em seguida o alphabeto maiuscuro, e o minuscuro, alternados e separados por virgulas.

6.º Escrever as vogaes simples, as compostas, as nazaladas, e os diptongos oraes e nazaes, separados por virgulas.

7.º Escrever os numeros de um até cem, separados por virgulas e um ponto no fim.

8.º Escrever cinco parcelas em ordem de sommar quantidades; idem, quantias; idem, dinheiro inglês, americano e francês. Fazer um traço horizontal e outro vertical.

9.º Escrever cinco exercicios, usando o signal de porcentagem; idem o paragrapho; idem, o signal de adjectivos ordinaes; idem, as aspas e travessão, os parentheses, os pontos de admiração e de interrogação, os dois pontos e o ponto e virgula. Usar o papel carbonô.

10.º A primeira lição do methodo adoptado.

11.º A segunda lição do methodo adoptado.

12.º A terceira lição do methodo adoptado.

13.º A quarta lição do methodo adoptado.

14.º A quinta lição do methodo adoptado.

15.º A sexta lição do methodo adoptado.

16.º A setima lição do methodo adoptado.

17.º A oitava lição do methodo adoptado.

18.º A nona lição do methodo adoptado.

19.º A decima lição do methodo adoptado.

20.º A decima primeira lição do methodo adoptado.

21.º A decima segunda lição do metodo adoptado.

22.º A decima terceira lição do methodo adoptado.

23.º A decima quarta lição do methodo adoptado.

24.º A decima quinta lição do methodo adoptado.

25.º A decima sexta lição do methodo adoptado.

26.º A decima setima lição do methodo adoptado.

27.º A decima oitava lição do methodo adoptado.

28.º A decima nona lição do metodo adoptado.

29.º A vigesima lição do methodo adoptado.

30.º A vigesima primeira lição do methodo adoptado.

31.º A vigesima segunda lição do methodo adoptado.

32.º A vigesima terceira lição do methodo adoptado.

33.º A vigesima quarta lição do methodo adoptado.

34.º Usar o tabulador.

35.º Fazer cercaduras.

Tachygraphia

1.º Definição da tachygraphia. Sua base. Traçar a base, explicando a formação das consoantes.

2.º Traçar as consoantes separadas; idem ligadas, com a maior agilidade possivel. Indicar as letras que a cada signal tachygraphico correspondem no alphabeto calligraphico, e as substituidas.

- 3.º Escrever todos os signaes que indicam as terminações ou abreviaturas, tanto da segunda parte como da terceira, e decoral-os.
- 4.º Escrever, com a maior velocidade possível, dictados pelo professor, os exercicios primeiro e segundo da pagina 27 do livro adoptado
- 5.º Idem, idem, terceiro e quarto da mesma pagina.
- 6.º Idem, idem, quinto e sexto da pagina 28.
- 7.º Idem, idem, setimo e oitavo da mesma pagina.
- 8.º Idem, idem, nono e decimo, das paginas 28 e 29.
- 9.º Recapitular os oito pontos.
- 10.º Lições 7.ª, 8.ª, 9.ª e decima, (da terceira parte). com os exercicios correspondentes. — 1.º, 2.º, 3.º e 4.º, que se acham nas paginas 41 e 42.
- 11.º Lições 11, 12, 13, 14, com os exercicios 5.º, 6.º, 7.º e 8.º, correspondentes, que se acham nas paginas 43 e 44.
- 12.º Lições 15, 16, 17 e 18, e os exercicios 9.º, 10.º, 11.º e 12.º, que se acham nas paginas 44 e 45.
- 13.º Lições 19, 20, 21 e 22 e os exercicios 13.º, 14.º, 15.º e 16.º, que se acham nas paginas 46 e 47.
- 14.º Lições 23, 24, 25 e 26, e os exercicios 17.º, 18.º, 19.º e 20.º, que se acham nas paginas 47 e 48.
- 15.º Lições 27, 28 e 29 e os exercicios 21.º, 22.º e 23.º, que se acham nas paginas 48 e 49.
- 16.º Recapitulação desde o decimo ponto.
Quarta parte (pagina 50).
Emprego de signaes, ou tachygrammas, que representam palavras, phrases, sentenças, maximas.
Esses tachygrammas acham-se no dictionario que se encontra no fim do livro adoptado.
- 17.º Escrever com toda a velocidade, possível, dictados pelo professor, os exercicios, 1.º, 2.º, 3.º e 4.º.
- 18.º Idem, idem, 5.º, 6.º, 7.º e 8.º
- 19.º Idem, idem, 9.º, 10.º, 11.º e 12
- 20.º Idem, idem, 13.º, 14.º, 15.º e 16.º
- 21.º Idem, idem, 17.º, 18.º, 19.º e 20.º
- 22.º Idem, idem, 21.º, 22.º, 23.º e 24.º
- 23.º Idem, idem, 25.º, 26.º, 27.º e 28.º
- 24.º Idem, idem, 29.º, 30.º, 31.º e 32.º
- 25.º Idem, idem, 33.º, 34.º, 35.º e 36.º
- 26.º Idem, idem, 37.º, 38.º, 39.º e 40.º
- 27.º Idem, idem, 41.º, 42.º, 43.º e 44.º
- 28.º Idem, idem, 45.º, 46.º, 47.º e 48.º
- 29.º Idem, idem, 49.º, 50.º, 51.º e 52.º
- 30.º Idem, idem, 53.º, 54.º, 55.º e 56.º
- 31.º Idem, idem, 57.º, 58.º, 59.º e 60.º
- 32.º Idem, idem, 61.º, 62.º, 63.º e 64.º
- 33.º Idem, idem, 65.º, 66.º, 67.º e 68.º
- 34.º Idem, idem, 69.º, 70.º, 71.º e 72.º
- 35.º Idem, idem, 73.º, 74.º, 75.º e 76.º
- 36.º Idem, idem, 77.º, 78.º, 79.º e 80.º
- 37.º Idem, idem, 81.º, 82.º, 83.º e 84.º
- 38.º Idem, idem, 85.º, 86.º, 87.º e 88.º

- 39.º Idem, idem 89.º, 90.º, 91.º e 92.º
- 40.º Idem, idem, 93.º, 94.º, 95.º e 96.º
- 41.º Idem, idem, 97.º, 98.º, 99.º e 100.
- 42.º As cartas recibos das paginas: 96, 97, e 98.
- 43.º Esboço de um discurso e Considerações prévias das paginas 99, 100 e 101.
- 44.º Dictar trechos literarios e sermões de diversos auctores e discursos parlamentares de differentes oradores.

Arte culinaria — (Secção feminina)

- | | |
|---|----|
| | 1 |
| A sala de jantar, arranjo da mesa, pratos e talheres etc. | |
| | 2 |
| A cosinha e dispensa. | |
| | 3 |
| Fogões, fornos e estufas. | |
| | 4 |
| Os combustiveis: a lenha, o carvão, o gaz, etc. | |
| | 5 |
| A carne de vacca, de porco, de carneiro; denominações de suas partes, modo de tratá-la. | |
| | 6 |
| Beefs, assados e picadinhos. | |
| | 7 |
| Sopas. | |
| | 8 |
| Caldos. | |
| | 9 |
| Arroz simples e de forno. | |
| | 10 |
| Feijão. | |

	11
Batatas fritas, palha sauté, au gratin, salada de batatas, croquettes de batatas.	
Pasteis.	12
Verduras.	13
	14
Couves-flôr empanada, au gratin, com batatas e queijos, couve-flôr em azeite e vinagre.	
	15
Ovos quentes, cosidos, estralados, bechamel, cocotte, ovos mexidos.	
Omelettes.	16
	17
Modos de preparar os ovos.	
Canja.	18
	19
Peixe cosido, assado, frito, ensopado, em papelotes, filet de peixe.	
	20
Lingua ensopada, empanada, em papelotes.	
	21
Camarões ensopados, empanados, croquettes.	
	22
Empadas.	
	23
Doces: Clarificação de assucar, Pontos de assucar, Balas, Bolos, Pudim, Crème, Pão de Lot, Viennenses, Garibaldi, Amanteigados, Brôas mimosas, Bolinhos de côco, Bolo inglez, Cocada branca, Cocada de ovos, Biscoutos, Sylvia-cake, Fatias douradas, Pasteis folhados, Balas de ovos, balas de ameixas.	
	24
Café e chá.	
	25
Sorvetes.	